

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**



**POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL:
UM RELATO DE CASO DO GRUPO DE ESTUDOS MOVIMENTO E AMBIENTE**

**EDISON LUIS FINKLER
KATIA MARIELE DO AMARAL ROLIM**

Uruguaiiana

2013

**EDISON LUIS FINKLER
KATIA MARIELE DO AMARAL ROLIM**



**POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL:
UM RELATO DE CASO DO GRUPO DE ESTUDOS MOVIMENTO E AMBIENTE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luis Ávila da Cunha

Uruguiana

2013

**EDISON LUIS FINKLER
KATIA MARIELE DO AMARAL ROLIM**

**POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL:
UM RELATO DE CASO DO GRUPO DE ESTUDOS MOVIMENTO E AMBIENTE**

Trabalho submetido ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em 03 de junho de 2013.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Álvaro Luis Ávila da Cunha
UNIPAMPA URUGUAIANA
Orientador

Prof.^a Dra. Marta Íris Messias Camargo da Silveira
UNIPAMPA URUGUAIANA
Membro

Prof.^a Dra. Vera Lúcia Gainssa Balinhas
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Membro

FINKLER: Dedico este trabalho àqueles que vieram antes de mim e
prepararam o caminho.

ROLIM: Dedico este trabalho aos familiares, amigos, e em especial ao Rafael
Roberto Dallegrave Negretti pelo incentivo e apoio durante o curso.

AGRADECIMENTO

FINKLER: A HYWH que nos guiou através do deserto rumo à Terra Prometida;
Ao meu pai Mário e minha mãe Leontina, sem os quais eu não estaria aqui – literalmente;

Aos meus filhos Vinícius e Arthur, herdeiros dos meus sonhos;

À minha esposa Fernanda, amor que aquece meu coração e alimenta minha alma eternamente.

ROLIM: A Deus primeiramente, pela vida, saúde e oportunidade de estar vivenciando este trabalho;

Aos meus pais, Renê e Jaci pelo imenso incentivo na jornada destes quatro anos;

Aos amigos Marcelle Rolim Simionato, Louise Paola Falcão da Rosa, Otávio Moisés Romero Falcão, Fátima Adriana Falcão Gonzalez e Sandro Marcos Cardoso pelo afeto nos momentos difíceis da pesquisa;

Aos colegas da Prefeitura Municipal da Barra do Quaraí, pela força desprendida nestes meses.

FINKLER e ROLIM: Ao professor Álvaro Luis Ávila da Cunha, pela confiança depositada nos acadêmicos acreditando que o trabalho seria desenvolvido com êxito;

Aos integrantes do Grupo de Estudos Movimento e Ambiente, que contribuíram enormemente para que esta pesquisa pudesse estar sendo realizada, e concretizada;

Ao amigo Newton Porfírio Moraes Soares, que iniciou conosco esta caminhada e devido motivos profissionais não pode concluir;

Ao Flávio Augusto Santana Pedroso, funcionário da biblioteca do campus, sempre dedicado e eficiente no seu ofício junto aos livros;

Ao Carlos Augusto Riella de Melo, acadêmico da Licenciatura em Ciências da Natureza pelo auxílio na confecção do mapa expositivo das atividades;

Aos acadêmicos da Licenciatura em Educação Física da UNIPAMPA Uruguaiana, pelo coleguismo, amizade e paciência durante os seminários que antecederam este TCC e a todas às pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a conclusão deste.

RESUMO

O trabalho apresenta o funcionamento e a produção do Grupo de Estudos Movimento e Ambiente (GEMA), constituído por estudantes e professores dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Ciências da Natureza da UNIPAMPA, a fim de fortalecer a atuação da Educação Física na perspectiva ambiental. Objetiva embasar a construção do mapa socioambiental regional para fins didáticos da Educação Básica; propor trilhas urbanas; divulgar que os saberes locais são tão necessários quanto o conhecimento já consagrado pela instituição escolar; comprovar que o projeto de ensino registrado na instituição possui embasamento prático para desenvolver atividades que somem as áreas da Educação Física ao ambiente em que o aluno está inserido, e o acadêmico, enquanto sujeito em formação profissional; apostar na Educação Ambiental como prática pedagógica capaz de desenvolver a sensibilidade e promover mudanças sociais visando à melhoria de qualidade de vida. Utilizando caminhadas, corridas e pedaladas, o GEMA busca não somente valorizar a prática de exercícios físicos ao ar livre, mas também conhecer e preservar as belezas da região, assim como problematizar os modos de viver e habitar a cidade. O método consistiu em analisar todos os registros textuais, audiovisuais, fotográficos, artísticos e orais, categorizá-los e classificá-los como aprendizagens das distintas áreas do conhecimento. Proporcionando ao aluno uma vivência diferenciada da forma tradicional de ensinar, as atividades demonstraram que a metodologia utilizada para trabalhar Educação Ambiental associada às disciplinas do currículo básico realiza uma profunda reflexão sobre o cidadão que está sendo formado com a didática cotidiana. Estas ações e análises comprovam que a Educação Física pode ser o componente curricular capaz de propor práticas interdisciplinares no campo da Educação Ambiental através do estudo do entorno escolar, da ambiência social. Sugere-se que nas futuras intervenções, a escola incentive seus alunos e professores a participarem das atividades privilegiando o conhecimento por belas paisagens e a apreensão de conteúdos ao ar livre, afinal a Educação Ambiental e Educação Física podem andar juntas num processo de mútua aprendizagem.

Palavras-chave: **Ambiente - Educação Física – Interdisciplinaridade – Cidade**

RESUMEN

El trabajo presenta el funcionamiento y la producción del Grupo de Estudios Movimiento y Ambiente (GEMA), compuesto por estudiantes y profesores del curso Licenciatura en Educación Física y Ciencias de la Naturaleza - UNIPAMPA, proponiendo fortalecer la actuación de la Educación Física en una perspectiva ambiental. Objetiva envasar la construcción del mapa socio ambiental regional para fines didácticos de la Educación Básica: proponer trillas urbanas; divulgar que los saberes locales son tan necesarios cuanto el conocimiento ya consagrado por la institución escolar; comprobar que el proyecto del enseño posee embasamiento práctico para desarrollar actividades que sumen las áreas de la Educación Física al ambiente en que el alumno esté inserido, y el académico en cuanto sujeto en formación profesional; apostar en la Educación Ambiental como práctica capaz de desarrollar la sensibilidad y promover cambios sociales para una mejor calidad de vida. Utilizando caminatas, corridas y pedaladas, el GEMA no solamente quiere valorar la práctica de ejercicios al aire, pero conocer y preservar las bellezas regionales, así como problematizar las formas de vivir y habitar la ciudad. La metodología consistió analizar los registros textuales, audiovisuales, fotográficos, artísticos y orales, categoriza-los y clasifica-los como aprendizajes de las distintas áreas del conocimiento. Proporcionando al alumno una vivencia aleja de lo tradicional, las actividades demostraron que la metodología usada para trabajar Educación Ambiental asociada a las disciplinas del currículo básico realiza una profunda reflexión sobre el ciudadano que se está formando con una didáctica cotidiana. Las acciones y análisis comprueban que la Educación Física puede ser una disciplina capaz de proponer prácticas interdisciplinarias en el campo de la Educación Ambiental, sobre el estudio del entorno escolar y social. Se sugiere que en las futuras intervenciones, la escuela incentive sus alumnos y profesores a participaren de las actividades, reconociendo las bellas paisajes y la comprensión de contenidos al aire libre. Concluyendo, la Educación Ambiental y la Educación Física pueden andar juntas, en un proceso de mutua aprendizaje.

Palabras – llave: **Ambiente - Educación Física – Interdisciplinaridad – Ciudad**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Cacaréu encontra o Uruguai	30
Figura 2 – A História no ambiente	32
Figura 3 – O roseiral na vila	37
Figura 4 – A parceria na aprendizagem	40
Figura 5 – O trem e o arroz	43
Figura 6 – Fala no museu à Foz BRA	45
Figura 7 – Ponte Internacional	48
Figura 8 – Aprendizagem à beira do rio	51
Figura 9 – A História do BRA na praça	59
Figura 10 – Os percursos do GEMA	60
Figura 11 – Logotipo do GEMA	65

LISTA DE SIGLAS

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
10ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação
SMED – Secretaria Municipal de Educação
SETRAN – Secretaria Municipal de Trânsito
SEMIC - Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho
SEMMA - Secretaria Municipal de Meio Ambiente
QG - Quartel General 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de Uruguaiana
GEMA – Grupo de Estudos Movimento e Ambiente
CNE – Conselho Nacional de Educação
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
COI – Comitê Olímpico Internacional
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
CBAA – Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura
SIEPE – Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão
CAIC – Escola Municipal de Ensino Fundamental Elvira Ceratti - CAIC (Centro de Atenção Integrada à Criança)
SESC – Serviço Social do Comércio
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
FURG – Universidade Federal de Rio Grande
FEPAM – Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente
FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado
IRGA – Instituto Rio-Grandense do Arroz
CORSAN – Companhia Rio-Grandense de Saneamento Básico
BRA – Brasil
RS – Rio Grande do Sul
BGS – *Brazil Great Southern Railway*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVO	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivo Específico.....	14
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
3.1 O Contexto Teórico da Educação Física na Formação dos seus Profissionais	15
3.2 A Importância da Educação Ambiental nas Escolas	17
3.3 O Ambiente e o Esporte na História.....	19
3.4 A Caminhada na Natureza	21
4 MÉTODOS	23
5 O OLHAR SOBRE O GEMA.....	24
5.1 A Produção de Conhecimento do GEMA – Os relatos	29
5.1.1 Uruguaiana Oeste - 07/05/2011.....	29
5.1.2 Uruguaiana Norte - 04/06/2011	30
5.1.3 São Marcos – Ruínas Estância Santiago - 09/06/2011	31
5.1.4 GEMA pedala pelos bairros da cidade – 23/07/2011	33
5.1.5 Reunião GEMA – 21/09/2011	33
5.1.6 GEMA percorre o Bairro União das Vilas – 01/10/2011.....	35
5.1.7 GEMA aproveita o feriado para correr – 15/11/2011.....	37
5.1.8 GEMA encerra 2011 com a <i>Trilha do Brigadeiro Sampaio</i> -18/12/2011	38
5.1.9 Viagem realizada com estudantes de Ciências da Natureza e GEMA – Rio Grande / RS – 14 e 15/01/2012	40
5.1.10 Saída trilha da Pastoril - 31/03/2012.....	41
5.1.11 Uruguaiana Norte – Marduque com Foz do Brasil - 03/06/2012	43
5.1.12 Uruguaiana Norte – O retorno ao Cacaréu - 05/05/2012	45
5.1.13 Uruguaiana Norte – Arroio Cacaréu com escolares - 05/06/2012	49
6 CONTEXTO HISTÓRICO DIALOGADO NAS SAÍDAS DO GEMA	52
7 APRENDIZAGENS DO GEMA A PARTIR DA ANÁLISE DOS REGISTROS	60
7.1 Locais Explorados	60
7.2 A Comunidade e seus Habitantes.....	61
7.3 O Registro	63
7.4 A Sensibilização	65
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
8.1 A Influência na Formação Profissional.....	66
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa comporta uma explanação do tema Educação Ambiental e perspectivas de se trabalhar a Educação Física de uma forma interdisciplinar nas escolas de Uruguaiana, Rio Grande do Sul.

O estudo está ancorado no projeto de pesquisa do Grupo de Estudos Movimento e Ambiente – GEMA, que visa pensar a Educação Física para além do movimento corporal em si, mesclando conhecimentos e vivências a fim de construir uma aprendizagem ampla, digna, contribuindo na formação de cidadãos que levem em consideração, nas suas práticas sociais, a problemática ambiental.

Acreditamos que as atividades proposta pelo GEMA podem auxiliar nas práticas pedagógicas escolares e acadêmicas, já que a Educação Ambiental busca formar o sujeito para ser cidadão, compreendendo suas tarefas na sociedade, com direitos e deveres, sendo um destes deveres a preservação e conservação de seu habitat. E para analisar e compreender esta importância faz-se necessário o indivíduo vivenciar o próprio meio.

Segundo Machado (2011) a educação ambiental busca a sua comunhão com os princípios fundamentais de participação, cidadania, autonomia e sustentabilidade almejando uma educação que priorize, em suas bases epistemológicas e metodológicas, a formação de homens aptos a enfrentar os desafios socioambientais que na maioria dos casos são produtos de sua própria ação. São vários os caminhos para a promoção da educação ambiental na sociedade e dentro da escola.

Implantar um projeto que relacione a Educação Física com outras disciplinas - Ciências da Natureza, História, Geografia, Artes, motivando os alunos e, ao mesmo tempo, os fazendo caminhar, correr ou pedalar, contatando o ambiente, os lugares históricos, aumentando seu campo de conhecimento, propiciando lazer. Também se observa que muitos lugares da cidade em questão são de conhecimento de poucos, existindo inúmeros locais a serem explorados. Ainda a experiência pode estimular a socialização e integração de grupos.

O desenvolvimento massivo da produção industrial, o consumo exacerbado de produtos e as suas consequências no ambiente reforçam a necessidade de conhecer, refletir e agir sobre tais atitudes humanas. Atualmente, nos bairros de Uruguaiana, pode-se observar e registrar a imensa poluição com detritos tóxicos, lixos, plásticos, pneus e garrafas, que entulham o ambiente, prejudicam os fluxos de água das chuvas, provocando alagamentos. Soma-se a isso, a falta de tratamento do esgoto que provoca diversos tipos de contaminação.

Nos dias de hoje um dos princípios educativos é o da orientação para o desenvolvimento sustentável, e conforme Abreu (2009, p. 1891): “a qualidade de vida para todos os cidadãos depende de suas ações com premissas justas, ecologicamente apropriadas, economicamente viáveis e culturalmente equitativas”. E a escola tem o compromisso de auxiliar e proporcionar aos alunos a vivência e a compreensão sobre seu consumo, o da família e as consequências junto ao meio.

Nesse contexto, a Educação Física pode ser pensada como um componente curricular que trata da cultura corporal do movimento humano, em que o corpo não é interpretado somente como uma estrutura física, mas como potencialidade de desenvolver a capacidade de aprender sobre si e valorizar o entorno, utilizando-se do movimento para conhecer ou reconhecer o bairro, a vila, o centro, a cidade, o estado e, quiçá, o mundo.

A Educação Física pode oportunizar atividades que a enlaçam com o ambiente do sujeito, fazendo-o compreender, com a experiência, a importância de somar áreas nos âmbitos escolar e universitário, visando buscar um conhecimento construído no campo acadêmico e junto às comunidades escolares. Se tivéssemos atividades que envolvessem maior participação do acadêmico junto à sua comunidade, de forma prática, proporcionando ações semelhantes às do GEMA, não estaríamos contribuindo na formação de professores preocupados com o contexto escolar e, conseqüentemente, aproximando as realidades dos processos pedagógicos?

Esta perspectiva educacional acaba alargando os limites do componente curricular encaminhando-a para possibilidades interdisciplinares. A literatura aponta modelos de projetos semelhantes, nos instigando ainda mais sobre o

porquê desta ausência na região da Fronteira Oeste deste Rio Grande, de contexto histórico tão relevante para o país.

A pauta da pesquisa foi analisar subjetivamente os relatos e registros do grupo investigado, buscando rever e compreender as ações vivenciadas, experimentadas e apreendidas neste período de atividades do GEMA.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Apresentar o funcionamento e a produção de conhecimento realizada pelo GEMA no decorrer de dezoito meses na UNIPAMPA Uruguaiana, dando visibilidade das possibilidades valiosas de aproximar a dimensão ambiental da prática pedagógica dos futuros professores de Educação Física e demais cursos de nossa universidade.

2.2 Objetivo Específico

Embasar a construção do mapa socioambiental da região de Uruguaiana para fins didáticos com escolares da Educação Básica;

Propor trilhas urbanas chamando atenção dos contextos geográficos, históricos, artísticos, arquitetônicos, biológicos e todas as demais áreas do conhecimento;

Divulgar a ideia de que os saberes locais são tão necessários quanto o conhecimento já consagrado pela instituição escolar na formação, seja de educadores, ou de escolares;

Comprovar que o projeto de ensino registrado na instituição, *Grupo de Estudos Movimento e Ambiente*, possui embasamento prático para desenvolver atividades que somem as áreas da Educação Física ao ambiente em que o aluno está inserido, e o acadêmico, enquanto sujeito em formação profissional;

Apostar na Educação Ambiental como prática pedagógica capaz de desenvolver a sensibilidade e promover mudanças sociais visando à melhoria de qualidade de vida.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O Contexto Teórico da Educação Física na Formação dos seus Profissionais

Nos últimos anos, a Educação Física tem incorporado práticas novas ou (re)vistas com intuito de desenvolver a cultura corporal do movimento. Traz-se a discussão de uma fenomenologia relacionada à área da Educação Física e sua responsabilidade social, segundo alguns autores:

Oliveira afirma que: “O objeto de estudo da Educação Física é o homem como um todo, não somente sua estrutura física e sim como sujeito indissociável de corpo e mente, com seus aspectos social e ambiental” (2004, p.39). A Educação Física, apesar de ser uma atividade essencialmente prática, pode oferecer oportunidades para a formação do sujeito consciente, crítico e sensível à realidade que o envolve. Eis que surge o papel do professor: o seu domínio pela técnica fará que este a utilize para se chegar a um desenvolvimento integral do aluno, onde Oliveira salienta que “A Educação Física, enquanto processo individual desenvolve potencialidades humanas, e enquanto fenômeno social ajuda este homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence” (2004, p.48).

A Educação Física vem realizando uma reflexão acerca de suas bases filosóficas, tentando resgatar ou encarar o ser humano em sua integralidade, rompendo com a visão segmentada do corpo-natureza-sociedade. Medina (2007) explana que ela não sairá de sua superficialidade enquanto não se posicionar criticamente em relação aos seus valores, não se questionar quanto ao real valor de sua prática para as pessoas e para a comunidade a que serve.

O autor referido acima é um tanto crítico ao assumir que o educador físico não consegue se auto definir, justificar o seu trabalho de uma forma satisfatória, lhe falta a identidade da profissão. Defende a concepção de uma Educação Física revolucionária, onde a arte e a ciência do movimento humano, por meio de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua autorrealização e em conformidade com a própria realização de uma sociedade justa e livre.

O Coletivo de Autores (1992) discute a atividade física e sua consequência comportamental, reforçando a necessidade de compreensão sobre a ação.

O movimento é humano, o homem é fundamentalmente um ser social, e as aulas de Educação Física objetivam muito mais a aptidão física, a aprendizagem motora, a destreza desportiva, não compreendendo que o movimento que a criança realiza numa atividade física tem repercussões sobre seu comportamento. (BRACHT, 1992, p.66-67)

Outra ligação da Educação Física estaria na visão capitalista, nas classes dominante e dominada, trazendo o esporte como determinante para desenvolver seres aptos para a produção – Capitalismo. Para isso não ocorrer e já vem acontecendo, é preciso alterar a própria formação dos professores, discutir temas, desenvolver argumentos acerca das práticas e seus objetivos.

Os professores de Educação Física estariam preparados para as saídas a campo com seus alunos? A literatura mostra que há pouco estudo acerca da formação acadêmica voltada para trabalhar a Educação Ambiental dentro do componente curricular Educação Física. Para que esta parceria ocorra faz-se necessário discutir e dialogar mais em congressos, reuniões, seminários, e ingressar nos currículos universitários as práticas para seu desenvolvimento nas escolas posteriormente.

Para Domingues: “A organização das disciplinas nos cursos de Educação Física é isolada, com horas e espaços pré-determinados, fragmentada e distinta, não ocorrendo compreensão do processo pedagógico e o ambiente como um todo” (2011, p. 564). Apesar do Conselho Nacional de Educação, em sua Resolução nº 003/1987, implantar reformas curriculares, no campo profissional isto ainda não acontece de modo satisfatório.

Outro tópico a se discutir é o conteúdo acadêmico que não comporta a valorização da diversidade cultural e ambiental da região. Se as diretrizes da Educação Ambiental orientam para pensar em uma valorização da produção cultural da vida cotidiana, buscando sentido e significado em cada momento, em cada ato, faz sentido se tais conteúdos tivessem ligação direta às vivências dos seus acadêmicos, como frisa Domingues (2011).

Reforçando este pensamento escreve o autor:

Uma vez aceita a inclusão de novos conteúdos em cursos de graduação, para a formação de profissionais que trabalharão em atividades ao ar livre e aventura, será preciso práticas mais qualitativas que contribuam para a formação de cidadãos sensíveis e atentos às questões que se referem à natureza. (MARINHO, 2007, p.6)

Um estudo realizado na Escola Superior São Francisco de Assis relata que a grande ênfase pedagógica relacionada ao desenvolvimento do ensino acerca das práticas de atividades de aventura no ambiente escolar foi positiva para que seus egressos trabalhassem tais atividades em conjunto à Educação Ambiental em seus respectivos ambientes profissionais (FERNANDES, 2005). Entretanto, lembramos que as possibilidades ambientais da Educação Física não se restringem às práticas chamadas de aventura, e talvez, o GEMA apresente outras possibilidades.

3.2 A Importância da Educação Ambiental nas Escolas

A escola é um dos lugares onde a criança construirá o seu processo de socialização, portanto, parece importante começar pela infância o desenvolvimento da Educação Ambiental, para que aprendam as causas e consequências de suas atitudes sobre o *habitat*. Os professores são os condutores de tais conhecimentos e agem como exemplos para estas crianças atuarem dentro e fora do espaço escolar, e podem contribuir para a formação de cidadãos responsáveis.

Com os conteúdos ambientais permeando todas as disciplinas e contextualizados com a realidade da comunidade, a escola ajudará o aluno a perceber a correlação dos fatos e a ter uma visão holística, ou seja, integral do mundo em que vive. Para isso, a Educação Ambiental deve ser abordada de forma sistemática e transversal, em todos os níveis de ensino, assegurando a presença da dimensão ambiental de forma interdisciplinar nos currículos e atividades escolares.

O currículo escolar está em constante fluxo, é mutável. E segundo Abreu o currículo é “Uma construção social e histórica, que tem o papel de formar cidadãos, comprometidos com a melhoria e a transformação da realidade” (2009, p. 1889). Através do trabalho com a Educação Ambiental

cada um se familiarizará e sensibilizará acerca da preservação do seu ambiente.

A fim de introduzir temas ambientais na sala de aula, a Educação Ambiental foi trazida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, definido como proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre programas de transformação da realidade educacional, atendendo à diversidade sociocultural de todas as regiões do país e à autonomia de professores e equipes pedagógicas (Brasil, 1998). A exigência de se trabalhar com a Educação Ambiental é cinquentenária, encontrando embasamento na legislação federal, que busca associar o ambiente ao conhecimento.

Um importante passo foi dado com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estadual e municipal (BRASIL, artigo 225, § 1º, VI)

A preocupação em relacionar a educação com a vida do aluno, em seu meio, sua comunidade, vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil, com o crescimento do movimento ambientalista passou-se a adotar explicitamente a expressão 'Educação Ambiental' para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não-governamentais por meio das quais se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais. (PCNs, 1998, p. 181)

Além de ser uma obrigação escolar e imposta por lei, a Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma prazerosa com a criança, para que somadas às atitudes resultem ações positivas. A escola deve desenvolver um trabalho que analise a situação socioeconômica do aluno, onde ele se torne sensibilizado no papel frente à sobrevivência do planeta. A legislação brasileira explana e relaciona a Educação Ambiental à vida do sujeito.

Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade[...] Esta é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, em todos os níveis e modalidades do processo educativo. (LEI 9.795/99, art. 1º e 2º)

E a forma para se trabalhar nas escolas esta Educação Ambiental parte da interdisciplinaridade, onde segundo REIS (2008), trata-se de realizar, com a participação radical de todos, um levantamento ambiental, um diagnóstico onde se vive segundo suas percepções: identificam o espaço social, histórico,

político e cultural e, ao mesmo tempo, se apropriam do conhecimento produzido, tornando-se, portanto, sujeitos das ações educativas ambientais.

Este mapeamento ambiental tem como objetivo ampliar a compreensão dos sujeitos acerca do ambiente em que vivem, é uma metodologia potencializadora para a identificação dos temas ambientais locais como geradores de discussões socioambientais. E o GEMA traz esta sistemática para dentro da universidade como método de aprendizagem e posterior ferramenta pedagógica para utilização nas escolas onde seus acadêmicos serão profissionais.

3.3 O Ambiente e o Esporte na História

As relações das atividades físicas com o ambiente em que são praticadas podem hoje ser apreciadas pelo viés histórico com significados científicos e filosóficos. Os registros das atividades humanas nestas áreas já somam um século para o esporte e quatro décadas para atividades de lazer, recreação e turismo. Já em 1907 Pierre de Coubertin propunha que os praticantes de esportes fossem educados para não deixar lixo nos locais de suas atividades (DaCosta, 2006). Os primeiros estudos sobre o impacto das atividades de lazer sobre o meio ambiente foram elaborados na América do Norte na década de 70.

A partir dos anos 80, a ideia de agressão à natureza por convívio equivocado, notadamente através do esporte, é apresentada por um viés filosófico. E para este pensamento houve precedentes já no século XIX, quando Fridrjof Nansen, explorador norueguês, elabora uma doutrina de respeito à natureza através de atividades de adaptação ao ambiente, e não de desempenho. Esta tradição nórdica de pensamento é revivida nos anos 90 pelo também norueguês Arne Ness com sua filosofia de *Depp Ecology* (ecologia profunda). O resultado da experiência acumulada em intervenções ambientalistas é a construção progressiva de uma definição cada vez mais abrangente desta filosofia.

Inicialmente tais intervenções privilegiaram os meios instrumentais e não os julgamentos de valor, sobretudo nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e, a partir dos anos 30 com a criação da Copa do Mundo de Futebol. Nesta época

prevaleceu a tecnologia em detrimento de um debate ético sobre valores sociais e culturais. A tecnologia necessária para destruir o ambiente requer uma tecnologia similar para seu controle. A construção de valores é uma experiência agregada à vida. Sem o exercício da prática ambientalista, tem efetividade limitada em qualquer meio cultural.

A partir de 1992, quando é realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento na cidade do Rio de Janeiro ganha destaque o conceito de sustentabilidade. Que é definida por DaCosta como: “O respeito e garantia de proteção das necessidades das gerações presentes sem comprometer às das gerações futuras” (2006, p. 22). Hoje fortemente vinculada à inclusão social de grupos sociais vulneráveis. Gerando uma abordagem da sustentabilidade como valor ou critério ético universal para respaldar atos em proteção ou conservação ambiental.

Cria-se a partir da Conferência do Rio de Janeiro, em 1992, a Agenda 21, que tem optado por caminhos experimentais, com os valores e preceitos éticos passando a atuar como fatores de legitimação. Também o Comitê Olímpico Internacional evolui seu conceito de sustentabilidade, afirmando que as intervenções devem trazer um desejável equilíbrio entre o gasto e a conservação de recursos naturais.

O final dos anos 90 marca o início da discussão sobre os conceitos básicos ambientalistas e sua efetividade prática. O esporte passou a ser uma base importante dos debates em razão dos seus megaeventos. Neste estágio de experiências no tema consolidou-se a ideia do esporte atuar simultaneamente como vilão e vítima das agressões ao ambiente. Tal ambiguidade ainda hoje marca tais eventos, sujeitos a grandes e discutíveis construções e modificações ambientais. O confronto de observações de prejuízos versus benefícios do viés ambientalista do esporte desdobrou-se em abordagens cujas comparações têm delineado o estado de conhecimento nesta temática. Neste estágio de busca de equilíbrio entre as feições vilão e vítima do esporte nas suas relações ambientalistas ainda estaria prevalecendo o instrumentalismo tecnológico sobre as atividades éticas.

Na 3ª Conferência o Comitê Olímpico Internacional divulgou um amplo levantamento promovido pela agência das Nações Unidas em que especialistas indicaram as áreas de intervenção de maior importância e

também as maiores ameaças ao ambiente a serem enfrentadas de modo crescente. O resultado apontou a escassez de água potável e a poluição atmosférica como o maior foco de preocupações, seguido das mudanças climáticas, desflorestamento, baixa capacidade de governança, perda da biodiversidade, aumento populacional e deterioração de valores sociais. Nos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim, em 2006, uma experiência de proteção ao ambiente tentou reposicionar a tecnologia em relação à ética. Intervenções tradicionais associadas a tecnologias sensíveis ajustaram as construções para as competições à ordem paisagística e aos interesses comunitários locais.

3.4 A Caminhada na Natureza

A caminhada pode ser considerada uma das atividades físicas mais recomendadas por médicos e profissionais da Educação Física, por sua prática ser de maneira fácil, visto que não exige equipamentos, parceiros ou local específico para sua realização. Lamentavelmente, poucos ainda são os jovens em idade escolar que se interessa por essa atividade. Tal vontade irá se manifestar somente mais tarde, não mais como uma atividade preventiva, e sim em função de sedentarismo, problemas cardíacos ou obesidade.

Não se pode desconsiderar que a falta de áreas de lazer limitam muitos que gostariam de começar não só um programa de caminhada, mas qualquer atividade ao ar livre. Pesquisar junto aos alunos os espaços existentes, no bairro ou na cidade, apropriados para a realização da caminhada ou de outras atividades de lazer é uma forma simples de problematizar esses fatos. A solução seria (re)descobrir lugares que poderiam dar maiores alternativas às pessoas que gostariam de conhecer e apreciar outros ambientes.

A promoção de caminhadas com os alunos nos quarteirões em volta da escola seria uma importante iniciativa, pois além de ser uma atividade física, o caminhar oferece uma oportunidade de interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento, socialização e integração de grupos, sensibilização acerca das condições ecológicas em que o ambiente se encontra, e o desenvolvimento do hábito de caminhar desde a infância.

O trabalho de Marinho (2007) em relação às práticas de atividade física na natureza relatam diversos benefícios como o favorecimento à conscientização e a sensibilização do aluno para com o meio natural e seus problemas, promovendo uma educação ambiental baseada no conhecimento das características dos ecossistemas utilizados, no contexto sociocultural a que pertencem e na utilização responsável dos recursos.

A caminhada na natureza, nada mais é que se deslocar em um ambiente natural ou urbano provido de árvores, matas, fauna, rios. Em geral, quem pratica essa atividade busca sentir-se parte daquilo que vê e necessita interagir e admirar as belezas a sua volta, além de desfrutar da calma e da paz transmitida pelo ambiente. Este tipo de atividade, pelas vivências e ligação direta com a natureza, tornou uma possibilidade de atividade da Educação Ambiental efetiva, onde, segundo Marinho (2004) *apud* Guimarães *et al* (2007), contribui para o despertar da sensibilidade e a responsabilidade ambiental coletiva, impulsionando o estabelecimento de políticas ambientais em níveis local e global.

A caminhada tem por objetivo perceber as diversas realidades locais, as pluralidades de modos de vida que comporta uma localidade, sensibilizar os estudantes aos ambientes urbanizados e menos impactados pela ação humana, aproximar a Educação Física dos saberes ambiental, dentre outros. Marinho (2005) consolida que a intensificação de uma aproximação qualitativa dos seres humanos ao ambiente natural pode acelerar esse processo de atividades ao ar livre, tornando eficiente o sonho de harmonia e, nos espaços institucionais, como a escola, esta pode representar uma perspectiva excelente para a reflexão de valores catalisadores dessa relação.

4 MÉTODOS

Como procedimento metodológico utilizamos a reescrita e análise dos registros textuais, fotográficos, audiovisuais, literários, artísticos e depoimentos orais concentrados nos arquivos do GEMA, reinterpretando as vivências e ações realizadas e contextualizando tais registros.

Em um primeiro momento recorre-se apenas aos conhecimentos empíricos dos pesquisadores, para a seguir, fundamentar, principalmente pelas brochuras do historiador Dagoberto Clos, com a história oficial, aquela registrada nos diários, cartórios e documentos de estado.

5 O OLHAR SOBRE O GEMA

O GEMA da UNIPAMPA Campus Uruguaiana, constituído de acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Ciências da Natureza surgiu em abril de 2011 e possui como meta até o ano de 2013, confeccionar o mapa socioambiental de Uruguaiana, sua distribuição e a implantação de programas diferenciados nas escolas através de caminhadas, corridas e pedaladas.

Apoia-se na concepção de que a Educação Física pode ser construída a partir da aproximação com a realidade da docência. A forma de organizar o trabalho pedagógico encontra nas atividades de ensino, pesquisa e extensão condições favoráveis para estudar, aprofundar e construir esses conteúdos, reconhecidos no cotidiano, na cultura, e que proporcionam o conhecimento do ambiente em que se vive e também o conhecimento da especificidade da Educação Física (DOMINGUES, 2011).

Vem construindo um perfil socioambiental de comunidades escolares oportunizando aos graduandos perceberem o ambiente escolar não somente como um prédio em que se ensina, mas como um ambiente em que se apreende. Além do estudo das comunidades escolares, o GEMA oportuniza aos estudantes pesquisadores o desafio de relacionar o conhecimento local regionalizado ao contexto macro político. Identificar como os valores da sociedade contemporânea integram-se e são traduzidos pelas diferentes micros realidades na nossa região é um dos tópicos a serem estudados, pesquisados e publicados dentro de um período de dois anos.

Os objetivos do projeto do GEMA listam-se abaixo, orientando a atuação:

- 1-Cartografar o município de Uruguaiana e suas fronteiras a partir da experiência de andar, ver e registrar;
- 2-Apresentar a cidade como campo de estudo da cultura local;
- 3-Compreender a Educação Física como componente curricular potencializador de processos interdisciplinares;
- 4-Alargar o espaço pedagógico percebendo a cidade como currículo; aproximar os cursos de Licenciatura da UNIPAMPA Campus Uruguaiana;

- 5-Criar equipes multidisciplinares para coordenação do trabalho; construir roteiros geográfico-históricos;
- 6-Publicar a Cartilha de Uruguaiana – os caminhos de uma cidade (mapa socioambiental);
- 7-Elaborar material videográfico e fotográfico das saídas de campo realizadas pelos/as estudantes;
- 8-Desenvolver o hábito de andar como prática de liberdade e bem-estar;
- 9-Problematizar o pertencimento como cultura pedagógica necessária à docência;
- 10-Perceber as diversas realidades locais, as pluralidades de modos de vida que comporta uma localidade;
- 11-Identificar áreas, locais, prédios capazes de contar os caminhos trilhados pela cidade;
- 12-Desenvolver a escrita a partir dos registros sistemáticos (observações e narrativas de jornada);
- 13-Percorrer as distâncias do município a partir do deslocamento: andar e do pedalar;
- 14-Sensibilizar os/as estudantes aos ambientes urbanizados e menos impactados pela ação humana;
- 15-Enriquecer o universo subjetivo dos/as estudantes a partir da cidade, permitindo fazer a articulação entre o global e o local, entre a educação básica e os cursos de Licenciatura, entre o corpo e o ambiente;
- 16-Oportunizar ao/a futuro/a professor/a experiências de pesquisa das realidades educacionais em que atuará, planejando sua intervenção, ampliando o campo de estágio e do próprio trabalho de conclusão do curso;
- 17-Construir um perfil socioambiental de comunidades escolares percebendo o ambiente escolar não somente como o prédio em que se ensina, mas como o ambiente em que se apreende;
- 18-Visualizar mais atentamente os elementos culturais que sustentam uma possível identidade regional;
- 19-Propor às escolas envolvidas repensar projetos políticos-pedagógicos, planos de estudo e regimentos em função dos estudos realizados;

20-Produzir pôsteres e demais trabalhos a serem apresentados e publicados em eventos e periódicos da área, além de textos e relatos distribuídos nos órgãos de imprensa e no site da universidade.

Distintos foram os colaboradores do grupo, os quais participaram das atividades e registros, somando um público acadêmico de cinquenta alunos, oriundos da Licenciatura em Educação Física, Ciências da Natureza, Nutrição, Enfermagem e Fisioterapia.

As saídas de campo, a fim de contornar a cidade de Uruguaiana, em sua totalidade somaram cinco no ambiente urbano, desde a visitação ao arroio Cacaréu, na região oeste, o Salso de Cima, na região norte, a pedalada desde o estádio Sá Viana, na via sul, o Salso de Baixo, na região leste e a corrida na Costaneira de Paso de Los Libres, no lado Argentino. Além destes marcos, o interior do município comportou uma saída à localidade de São Marcos.

Com a participação das escolas e empresa local, o grupo organizou mais duas caminhadas, que envolveu novamente o percurso do Cacaréu e Salso de Cima, durante a Semana do Meio Ambiente, em junho de 2012. Tais saídas contaram com apoio representativo de escolas públicas, que se organizaram para realizar atividades enriquecedoras à aprendizagem escolar.

A fim de registrar a cidade, era necessário mapeá-la, tentando conhecê-la em todos os seus limites, portanto viram-se ambientes centrais, como praças, monumentos, parques, edifícios privados e públicos, como periféricos, casebres, escolas ora intensamente estruturadas, ora visivelmente necessitadas. A região natural envolveu o rio Uruguai, com sua mata ciliar e rochas, as belezas do roseiral em pleno vilarejo empobrecido, a produção de arroz, o transporte pela via férrea, a agropecuária no berço Pastoril, os campos que circundam a cidade e o asfalto que protege da poeira. No interior, os registros foram envolvidos por relevante contexto histórico da Fronteira Oeste, com explanação acerca das ruínas de construção jesuíta, englobando escravos brasileiros, uruguaios, argentinos e paraguaios para a sua edificação.

As entidades que deram suporte ao GEMA nesta fase do projeto foram: Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana e Itaqui, Universidade Federal de Pelotas, 10ª Coordenadoria Regional de Educação, Quartel General da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de Uruguaiana, as Secretarias Municipais de Educação, Meio Ambiente, Turismo, Trânsito e a empresa Foz

do Brasil. Convidado a participar de ações relacionadas à preservação do ambiente regional, e diversificação de trabalhos que reforcem a Educação Ambiental, o GEMA esteve presente junto a órgãos municipais e estaduais em reunião na Escola Infantil Marília Sanchotene. A Supervisão Pedagógica da 10ªCRE estendeu o convite para que o GEMA integrasse, em parceria, o Programa Municipal do Meio Ambiente, coordenado pela Prefeitura de Uruguaiana.

O encontro contou com a participação de gestores e professores das escolas estaduais e municipais, representantes do GEMA e distintos órgãos locais. O Secretário Municipal de Educação deu as boas-vindas e parabenizou o trabalho dos *multiplicadores* – professores que trabalham voluntariamente em suas escolas, a conscientização e sensibilização acerca do ambiente com os alunos. Salientou que o programa Municipal de Meio Ambiente visa integrar as redes de ensino da cidade e formar jovens que passam pelas escolas com uma consciência de preservação do seu ambiente. Foi explanada, em detalhes, a Resolução nº 07, do Conselho Nacional de Educação, a Câmara da Educação Básica. Que a base do trabalho com a Educação Ambiental se dá na Educação Infantil e o quanto é importante o papel do professor desta área pedagógica.

A partir da legislação, o trabalho com a Educação Ambiental deve ocorrer interdisciplinarmente, contextualizando a vida dos alunos, baseados nos seus valores e culturas. E para suprir dúvidas, leia-se a Lei nº 9795/99, que regulamenta a política nacional da Educação Ambiental. Particularmente, Uruguaiana formalizou o projeto da Educação Ambiental em 1998. E, em 2011, organizou uma mostra pedagógica com os multiplicadores e alunos.

A proposta do Programa Municipal de Educação Ambiental para 2012, teve como pauta: *Degradação do meio ambiente e os riscos à sobrevivência humana*. A metodologia de ação compreendeu questionar o entorno da comunidade, valorizar a bagagem do aluno; definir um plano de trabalho; executar e refletir ações. O GEMA propôs reconhecer o ambiente através de caminhadas, corridas, pedaladas, registrar o contexto, refletir sobre o observado, compreender e sensibilizar para preservá-lo, sendo o objetivo maior ingressar com tais atividades nas escolas.

Ocorreram publicações dos integrantes do grupo e os professores coordenadores nestes dezoito meses de atividades. Dentre eles, lista-se a

participação no VI Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura, realizado em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em julho de 2011, contando com três trabalhos aprovados na modalidade pôster, duas fotografias e um documentário. Também apresentou um pôster no III SIEPE, em novembro de 2011.

O tema discutido no referido congresso foi *Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura*. Baseado nas práticas sobre caminhadas e pedalada desenvolvidas entre os meses de maio e junho (largo do rio Uruguai em direção ao arroio Cacaréu, arroio do salso de Cima e zona urbana limítrofe), o GEMA construiu e apresentou seus trabalhos diferenciados contemplando a região de Uruguiana, referindo-se ao ambiente local. Foram divulgados pôsteres com os temas: *GEMA: caminhar, correr e pedalar – o corpo (re)conhecendo-se no ambiente; Beleza além da degradação e Na beira do rio*. Houve exposição de fotos e vídeo da primeira saída ao arroio Cacaréu.

Já em Florianópolis, em maio de 2012, durante o II Congresso Internacional de Formação Profissional no campo da Educação Física, o grupo teve dois pôsteres aprovados. Nos relatos pode-se comprovar a seriedade e cumplicidade com a proposta acadêmica por uma melhor educação para a região de Uruguiana. A abertura oficial conferiu o tema *A construção da identidade profissional em Educação Física: desafios da formação inicial*, com inúmeros profissionais renomados da área da Educação Física do Brasil e de Portugal.

Os temas dos pôsteres englobaram: *Os ensinamentos da cidade na formação docente*, do professor coordenador do projeto e *O reconhecimento do ambiente através de caminhadas: uma oportunidade para desenvolver a Educação Ambiental, a Biologia, a História e a Geografia*, de uma acadêmica.

No VII CBAA realizado em São Paulo, em julho de 2012, aprovou cinco trabalhos na modalidade pôster, e devido à dificuldade de locomoção, tornou-se inviável a defesa dos mesmos. Para o IV SIEPE, que se realizou em novembro de 2012 foram aprovados quatro trabalhos, entre pôsteres e apresentações orais, concretizando um compromisso de estar sempre difundindo os registros e aprendizagens do coletivo. Ainda em 2012 foi publicado o artigo *Pedagogia das Ruas: caminhar, correr e pedalar*, nos cadernos de formação da Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Posteriormente, apresentado em Santiago do Chile na Redestrado - IX

Seminário Internacional de La Red Estrado, cujo tema central definia a discussão das *Políticas Educativas para América Latina* sobre a práxis docente e transformação social.

A construção de um artigo para o livro *Coletânea Articulações de Contextos & Saberes nos (per) cursos de Licenciatura da UNIPAMPA*¹ vem condecorar este ciclo de exposições da produção do grupo, em que acadêmicos e professores demonstrarão de forma textual a síntese dos trabalhos e sua relevância dentro da formação acadêmica, com incidência social uruguaiana.

5.1 A Produção de Conhecimento do GEMA – Os relatos

5.1.1 Uruguaiana oeste - 07/05/2011

Em sua primeira saída de campo, o grupo optou pela região norte da cidade, tendo como o ponto de partida a praça central Barão do Rio Branco, com destino ao arroio Cacaréu, situado a oeste do município. Os integrantes depararam-se com a diversidade da vegetação, a representação da fauna da campanha gaúcha e a imensidão hídrica, formada pelo rio Uruguai na fronteira com a Argentina. A primeira impressão é de muita riqueza natural, porém a ação do homem é cruel sobre o seu ambiente. A quantidade de lixo jogado às margens do rio, em meio à vegetação, até na mata cerrada é relevante. A exploração sobre a areia nas barrancas do rio é preocupante. O comércio local a retira do rio e em suas proximidades já a revende num ponto comercial. O rio dá sinal de desequilíbrio, suas margens estão sofrendo com as erosões, muitas árvores já mostram suas raízes desprotegidas devido à ação das cheias que invadem a região frequentemente, e, mesmo sem a interferência das chuvas, simplesmente recebendo águas da sua cabeceira do norte gaúcho, alastrando-se sobre o descampado uruguaiano e o lençol do arroio. O esgoto urbano desemboca no rio sem nenhum tratamento, exalando cheiro forte. Alguns pescadores que se encontravam à margem comunicaram que a região ainda oferece algum sustento de peixes, porém tem escasseado devido à poluição. No campo, e bem próximo ao rio, foram avistados alguns animais que

¹ Organizado pelo Núcleo de Educação de Uruguaiana que integrou o PRODOCÊNCIA 2010-2012.

persistem manter seu *habitat* por ali, como cavalos, vacas, garças, pombas e pássaros. Na vegetação fechada, já mais próximo do arroio Cacaréu pode-se perceber que insetos e aracnídeos conseguem manter sua sobrevivência, talvez porque a mata segue sem exploração humana, somente para algumas visitas como a do GEMA. Em meio à lama do arroio vê-se o caramujo, curiosamente, o nome do rio Uruguai significa rio de caramujos. A exploração do ambiente foi exitosa, para aprender e refletir sobre a ação humana acerca do seu ambiente. Com o esforço físico oriundo da Educação Física pode-se comprovar que caminhada, discussões, cansaço físico, e, futuramente, outras ações farão o crescimento humano deste grupo que recém inicia suas tarefas e pretende auxiliar na transformação deste lugar, seja expondo imagens e textos, seja atuando na sua preservação natural (Katia – acadêmica).



Figura 1 – O Cacaréu encontra o Uruguai

5.1.2 Uruguaiana norte - 04/06/2011

Com o intuito de experimentar novos olhares acerca de Uruguaiana o grupo partiu do Parque Dom Pedro II (Parcão) com destino à região norte, mais precisamente ao arroio do Salso. Primeiramente recebeu informações históricas acerca do monumento Obelisco, da viação férrea, prédios antigos, da construção da rodoviária, Parcão e da nomenclatura das ruas e avenidas centrais. Descendo a Rua Flores da Cunha até o Bairro Mascarenhas de Moraes pode-se observar o zelo da área por moradores e comerciantes. Em frente ao Museu do Rio Uruguai deparou-se com muita informação desta imensidão hídrica e florestal que cerca Uruguaiana e Passo de Los Libres. As antigas embarcações, utensílios pertencentes aos Fuzileiros Navais, a história contada nos grandes quadros, alguns peixes curiosos, empalhados na entrada

do ambiente, e também o detalhamento e a importância do Aquífero Guarani é estampado nas salas de visitas. Já na direção do rio, lado direito da Ponte Internacional, foi encontrada uma vegetação mais conservada do que o arroio Cacaréu. A quantidade de lixo jogado é reduzida, porém a exploração da areia é significativa. Vê-se que há a retirada do material do rio e logo nas proximidades encontram-se areeiras para a sua revenda. O solo sofre com esta ação, a erosão é observada, principalmente, quando o nível do rio está baixo. Um pequeno barco possui o nome *Esperança*, não se sabe se é pra conseguir mais pesca ou se para seguir a retirada da área arenosa. Seguindo arroio acima, contornando a área de campo somado à vegetação viram-se alguns animais pastando, outros sobrevoando o leito. O esgoto segue preocupando, corre ali próximo aos campos. Da ponta do arroio podem ser vistas as torres do aeroporto, e em mais alguns passos já se apresenta a BR 290. Agora era segui-la no retorno ao bairro Centro. Primeiro rever o rio Uruguai, na altura da imagem de lemanjá, refletir se o caminho foi sido proveitoso, discutir a experiência e registrar uma última foto do grupo na margem do rio, com seu pôr-do-sol iluminado. Afinal, as belezas naturais desta região são muito encantadoras. Cabe salientar que o grupo foi reconhecido por alguns moradores enquanto ocorria uma partida de futebol no bairro Mascarenhas de Moraes, outros cumprimentaram, desejaram boa sorte, foram atenciosos com os jovens que passavam, percorrendo um trajeto longo e seguindo o seu objetivo de reunir esforço físico à reflexão acerca do ambiente, da cultura, dos habitantes, para uma transformação social (Katia – acadêmica).

5.1.3 São Marcos – Ruínas Estância Santiago - 09/06/2011

A convite da Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho, com o intuito de desbravar a região de São Marcos, interior do município, a fim de contemplar um futuro potencial turístico, o grupo se dispôs ao descobrimento das áreas visitadas. O parque possui 3.000ha e está à margem esquerda do rio Uruguai, limitando-se ao norte com o Passo do Aferidor, ao sul com a localidade do Cantão e a leste com a Ilha do Japejú. Participaram da caminhada servidores municipais e integrantes do GEMA. Partiu-se logo pela manhã, de ônibus em direção ao bioma pampa, cuja vegetação apresentada é

oriunda da localidade. A caminhada iniciou na entrada da Associação dos Amigos do Cantão, com breve pausa para visitação à vinícola da fronteira e as particularidades do 5º Distrito São Marcos. Na direção do rio Uruguai, com destino ao Passo do Aferidor pode-se contemplar a riqueza ambiental que lá existe: a vegetação quase intacta, o gado leiteiro, o cavalo crioulo, o banhado e as lavouras confundindo-se com a imensidão negra de pássaros que sobrevoam executando um balé. No meio do caminho encontramos a passada obstruída pelo volume das águas. Deveríamos retornar e buscar uma segunda alternativa para fechar a carga horária prevista de atividade física e ambiente. Retornando ao Cantão, o grupo decidiu que após o almoço seguiria para as ruínas da Estância Santiago, pouco distante dali, porém de muita riqueza cultural e importância histórica para a Fronteira Oeste. Com a coordenação do historiador Dagoberto Clos, rumou-se vegetação adentro em busca das ruínas. Chegado lá se obteve uma aula de História acerca de nossos antepassados indígenas e sua importância para o povoamento de Uruguaiana, São Borja, Itaqui, Alegrete e Barra do Quaraí – no Brasil; São Thomé – Argentina e Bella Unión – no Uruguai. Segundo Dagoberto, os povos antigos, compostos por índios Charruas, as ganaderias e as primeiras redensões da região por volta do século XVII deram início à nossa Fronteira Oeste. Maiores detalhes foram citados em meio à caminhada por entre as ruínas. A flora manifesta-se por ali com um imenso pomar de bergamotas e a fauna permite reinar bugios, pardos e pretos, numa família singela e simpática que cismou em aparecer em meio aos galhos das frondosas árvores nativas (Katia – acadêmica).



Figura 2 – A História no ambiente

5.1.4 GEMA pedala pelos bairros da cidade – 23/07/2011

Seguramente esta atividade do GEMA foi a que ofereceu as maiores incertezas e dificuldades tanto no aspecto climático: chovia pela manhã e vento era forte; equipamentos: muitos integrantes não possuíam bicicletas e de ordem familiar: parte significativa do grupo aproveitou o feriado para visitar a família. Bem, o trajeto também não era dos menores, pretendia-se sair do Estádio Sá Vianna pela Rua Iris Walls até encontrar a Salgado Filho, de onde se rumaria para o QG. Retornaríamos passando pelo Cemitério Municipal até chegar aos quartéis, onde pegaríamos o retão da Setembrino até dobrarmos a Rua Santos Dumont, para enfim subirmos em direção ao centro e culminar no Parcão. O grupo de dez acadêmicos completou o circuito em uma hora e cinco minutos, com algumas paradas rápidas e eventuais, atravessando os bairros Nova Esperança, Alexandre Zachia, Cabo Luiz Quevedo, Rio Branco, São Miguel, Vila Júlia, Ipiranga, Emílio Branch, Santo Inácio, São João e Centro, sobre a proteção da Brigada Militar e Guarda Municipal. Mais uma vez como acontece em nossas saídas, a cidade se mostrou cheia de histórias, repleta de recantos esquecidos e de lindas paisagens abandonadas, alguns sustos e surpresas. Enquanto pedalávamos em grupo uma estranha sensação de liberdade ocorreu ao passar por tantas casas de tantas cores e formas, quase tantas quantas as pessoas que nelas vivem! As contradições sociais reaparecem de outra forma aos nossos olhos, como o prédio que foi construído para ser universidade em cima de um antigo curtume de solo contaminado, um custo social considerável. Esta atividade o GEMA passou por cerca de 90% o redor de Uruguaiana, e acredita estar compondo materiais e registros de valor acadêmico tendo a cidade como currículo e uma pedagogia das ruas como estratégia educativa. Fica como última lembrança, o grupo em círculo, ao final da pedalada, silencioso, mas com expressões de satisfação inesquecíveis. E claro, a consciência pesada por um joelho esfolado (Álvaro – Professor; Jucelaine – acadêmica).

5.1.5 Reunião GEMA – 21/09/2011

Parecia ser mais uma reunião rotineira do GEMA, porém a forma como o professor conduziu a fala e a deixa para que todos expressassem suas ideias foi importante. O tema era trabalhar o texto *A sintaxe das ruas*, de Márcio André, onde lança para o leitor a dúvida acerca de como este convive com seu ambiente. Ele descreve uma rua e o seu caminhar, o apreço acerca do que se está vendo, a compreensão sobre o que se está pisando, ao caminhar. O caminhar não somente por dar um passo à frente do outro para se deslocar, mas o caminhar com fundamentação sobre o seu entorno, sobre o seu *habitat*. Isso nos falta no cotidiano, vivemos tudo muito rapidamente, não temos tempo para conversar, olhar pela janela do ônibus e ver as pessoas, observar simplesmente. Um cobrador de ônibus não está ali somente para cobrar-me o valor da passagem, por que não posso conversar com ele? Quem saberá o imenso ser humano que ele pode me apresentar? Como saberei se não falo com ele? Outro exemplo é o ser que, através dos meios de comunicação vive deslumbrado sobre ambientes muito além das suas posses, enquanto que à sua volta, na sua cidade há uma imensidão de verde, água, fauna, a própria rua da sua casa. Sensibilização é o conceito, onde o homem, ao procurar observar, reservar um tempinho para viver o agora, e não somente visar a próxima tarefa a cumprir, ou o próximo encontro. Se ele conseguir refletir sobre suas observações, verá que tem muito a ganhar, que as riquezas que o envolvem o farão sentir a vida, e a de seus próximos. Fazer com que se vivencie cada segundo intensamente é difícil, porém devemos tentar. Olhar um pôr-do-sol não é perda de tempo e sim contemplação da natureza que nos cerca. A escola também precisa deste novo olhar. As crianças não devem ser ensinadas para ter medo de que a Terra irá terminar se não a cuidarmos, se não a preservarmos. O discurso deve vir com a prática. Para se ensinar que o rio não deve ser poluído com lixo, esgoto, madeira, devem-se levar estes alunos até o local da discussão, fazer com que experimentem, e valorize a natureza, a rua, a cidade. Creio que a Educação Física tem muito a colaborar, visto que para trilhar um caminho de visita à natureza, necessitará caminhar, pedalar, ou correr, sendo o exercício nestas horas o parceiro ideal, a fim de desenvolver o corpo e mente. Se a Educação Física, em sua literatura nos aporta tantas possibilidades de atuação, áreas do conhecimento emaranhadas, façamos com que a prática consiga atingir seus objetivos.

Estamos crescendo como acadêmicos, diariamente, cada um com seus projetos, porém num grupo no qual se consegue discutir e dialogar numa boa. Colhe-se experiência, não só para se conquistar títulos a fim de expor no *Lattes*, e sim para a sua vida, afinal o ser humano é um ser social, e necessita de vivências como a detalhada acima (Katia – acadêmica).

5.1.6 GEMA percorre o Bairro União das Vilas – 01/10/2011

Realizou-se uma caminhada na Região sul, a fim de (re)conhecer a cidade sobre uma nova visão socioambiental. Percorreu-se, neste sábado à tarde, o Bairro União das Vilas, composto pelas localidades das Áreas Verdes, Pró-Morar, Pró-Ficar, São Cristóvão, Nova Esperança II e LBA. Após um breve comentário inicial dirigido pelo Professor ao grupo, partiu-se da Av. Setembrino de Carvalho, seguindo pelo trevo da BR 472, adentrando ao bairro. À primeira vista pode-se deparar com uma localidade em desenvolvimento, porém a sua infraestrutura ainda dista da ideal. Apresenta residências consideráveis para habitação e outras em condições preocupantes. Existem três escolas: a primeira de Educação Infantil, a Municipal de Ensino Fundamental Moacir Ramos e o Instituto Paulo Freire, seguidamente citada na universidade como novo modelo do ensino público, como referência e de grande expectativa para seu crescimento. Particularmente, o Instituto Paulo Freire nos tomou a atenção, onde o professor parou, conduziu o grupo para uma reflexão acerca desta forma de ensinar, sem avaliações escritas e sim, somente por participação, envolvendo atividades práticas. Segundo alguns integrantes, o comentário das pessoas que lá estudam e da comunidade é de que o ensino está sendo realizado, e já completa dez anos, com êxito. O ambiente para o lazer dos pequenos apresenta-se para completar as atividades da Educação Infantil e Fundamental, havendo uma praça esportiva, com inúmeros brinquedos, quadra coberta e quadra de areia. As estreitas ruas também são utilizadas para a prática do futebol, pela criançada, para condução dos brinquedos, motocicletas, bicicletas. Viu-se muita criança à nossa volta, e o mais curioso: como elas perguntavam ao grupo o porquê de estarmos ali! Seguindo à direita do Instituto, o grupo deparou-se com uma área mais rural, onde cada residência possui pequenos campos, com muitos animais, cavalo, ovelhas, vacas, cães, patos. A

riqueza dos ambientes, apresentando pequenos lagos, ora rodeados de flores, ora com animais à sua volta. É contraditório com as casas que mesclam construções antigas, com pinturas modernas. A surpresa foi encontrar no meio da estrada uma plantação de rosas. Uma chácara produtora de rosas de todas as cores, lindas, desabrochando em plena tarde nublada, e, para o deslumbre do grupo, os registros fotográficos foram indispensáveis. Um piquete preserva a cultura gaúcha, mesmo tão distante dos centros. Desde 1992, o Piquete Lanceiros da Tradição tem suas porteiras abertas para a visita do gaúcho e simpatizante. Próximo a este está o limite urbano da cidade, uma encruzilhada que limita as ruas do campo, do pequeno arroio, que rumará à pontezinha da BR 472, em direção à Universidade, no horizonte o Círculo Militar. A vegetação agora nos presenteia com sua beleza. O salso, árvore que deu nome à localidade, é vista com mais ênfase. Frondosas e muito verdes, choronas. A chuva que caiu na sexta-feira deixou a vegetação mais consistente, alegrando os pássaros diversos que seguiam o caminho conosco, ou questionavam-se sobre nós, invasores em seu território natural! O barro nos tênis nem foi percebido, e as dificuldades do terreno úmido foi substituída pelas belezas naturais encontradas. Na sombra de um salso, novamente uma parada, esclarecimentos acerca da história da localidade, do desmatamento dos salsos para as construções e cultivo de gado. O retorno ocorreu pela margem direita, avistando novas residências, contatos sendo registrados com moradores. Cabe salientar que as crianças acompanhavam em bicicletas o percurso; falantes e curiosas interagiam. Mais animais estão presentes, campos com pequenas residências onde o saneamento básico é precário, o esgoto corre céu aberto, ao lado das casas, e as crianças brincam próximo. O lixo também parece não ser recolhido, ou por que se encontra nas calçadas, junto a entulhos de construções velhas, à beira das ruas, dos campos, próximo aos canais de esgoto. Avançando na trilha o asfalto existe para alguns, em travessas, enquanto que a rua maior ainda pisa sobre pedras, desníveis e valas. A escola CAIC é avistada. Local utilizado para a realização dos estágios da Educação Física no 1º semestre de 2011, onde a universidade quis aproximar os acadêmicos dos centros educativos periféricos. Um dos meios de transporte ainda utilizado na localidade é a carroça, talvez em virtude da criação dos cavalos, ou pelo cultivo das tradições, ou por ser econômica a manutenção. Foi

registrado um número significativo destes veículos. Enfim, após mais de duas horas de caminhada e enriquecimento cultural, ambiental, social, físico, e outros, o GEMA encerrou sua atividade com uma conversa no ponto de partida (Katia – acadêmica).



Figura 3 - O roseiral na vila

5.1.7 GEMA aproveita o feriado para correr – 15/11/2011

No feriado da Proclamação da República o GEMA desenvolveu uma atividade de corrida na Costaneira em Paso de Los Libres, na Argentina. O grupo se reuniu em frente ao SESC, às 9h e seguiu em automóveis até o parque Argentino. O lugar é bem estruturado, favorecendo a prática de corridas, caminhadas, pedaladas, *jet-ski*, passeios de barco, futebol. O vento típico da costaneira assustou um pouco, mas não atrapalhou a corrida, até incentivou! O grupo explorou os diversos ambientes do local: o calçadão, a areia e pedras na beira do rio e até mesmo a mata fechada. A prática serviu para uma observação mais ampla de Uruguiana. Uma visão impressionante a uma distância de 1500 metros, onde rio Uruguai, grandioso e ao mesmo tempo tão frágil, separa os dois países. Uruguiana, da imponência de seus prédios à fragilidade de sua costa. Sua margem em muitos pontos devastada e poluída, oferecendo, tão pouco à sua população. A imagem quase estática, alterada apenas pelo vento e movimento dos carros na ponte, distantes, pareciam de brinquedo. As imagens foram registradas em fotografia, e o mais importante ficou arquivado na memória.

El nombre de esta ciudad rememora a decenas de hombres que **buscaron su libertad atravesando grande distancias**. Con el sentido de perpetuar el recuerdo del pasaje de los llamados 108 libertadores, el 12 de septiembre de 1843 se promulgó una ley autorizando la

fundación de un pueblo con la denominación de Paso de Los Libres
(folheto turístico)

O rio hoje parecia o mar quando está calmo, só que da cor da ferrugem e não chocolate. O vento forte enredava cabelos, misturava pensamentos, compunha. O sol iluminava Uruguaiana inteira. Estávamos na *costanera* de *Paso de Los Libres* para correr. Nossa frequência cardíaca estava entre os 52 e os 78 batimentos por minuto. Conversamos sobre o coração como principal referencial para a graduação de um esforço físico e da fantástica capacidade de irrigação dos vasos capilares nutrindo todos os tecidos do corpo humano quando simplesmente nos predispomos a caminhar ou correr. Falamos da possibilidade da corrida como meio de reconhecimento de um ambiente abrangendo uma área considerável de maneira mais rápida, e porque o cuidado com as articulações como tornozelo e joelho deve ser maior na corrida do que na caminhada. Corremos por toda a área daquilo que poderíamos chamar de pequeno parque municipal e passamos seus limites adentrando no Clube Náutico e na Prefeitura Naval, rampas, escadarias, campo de *rugby*. Terminamos os primeiros dez minutos de corrida juntos e nossa frequência estava parelha, estávamos prontos para mais dez minutos e assim poderíamos montar um treino de corrida dentro de um espírito de grupo e não uma atividade isolada. Sempre começando juntos controlando minimamente o estado do organismo e cada corredor poderia parar no momento em que já se verificasse sinais de cansaço. Tempo para registrar com máquinas que nunca faltam e o mínimo compromisso do grupo de produzir sobre o vivido (Álvaro – professor).

5.1.8 GEMA encerra 2011 com a *Trilha do Brigadeiro Sampaio* -18/12/2011

Finalizando as atividades de 2011, o GEMA realizou grande caminhada na região leste da cidade. Desta vez, contou com o apoio da *2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada*, Quartel General. O grupo percorreu a *Trilha do Brigadeiro Sampaio* que, segundo informações dos anfitriões, é utilizada para treinamento e proteção da região circundante. A caminhada teve o intuito de (re)descobrir os limites urbanos e somar dados acerca da construção de um

mapa socioambiental uruguaianense, pela visão universitária. Partiu-se de uma palestra, ministrada pelo sargento Francisco, sobre a região, a função de proteção exercida pelo Exército, destacando-o como ponto de guarnição estrategicamente posicionado próximo ao rio Uruguai. Algumas instruções sobre os procedimentos da caminhada, como a utilização de mapas e bússolas para a prática da orientação, estratégias e conhecimentos comuns na rotina destes servidores da pátria foram esmiuçadas. Seguindo a trilha pode-se avistar a área campestre do Clube Tiradentes, com um grande público, visto que em pleno domingo de altas temperaturas solicitava uma bela sombra! Da parte elevada do terreno já se avistava o rio Uruguai, contornado pelas árvores nativas, e no clube avistavam-se zonas reflorestadas, com espécies oriundas da Austrália, como o eucalipto. Ao longo do trajeto, as cartas de orientação foram bastante utilizadas, a fim de compreender por onde passávamos e como é demarcada esta área, muitas vezes, desconhecida da comunidade local. A trilha mostrou-se segura, forrada por cascalhos e sinalizada com espininhos. Avançando, avistávamos a Ponte Internacional e os prédios que a região sul da cidade comporta. Cavalos estiveram pelo caminho, tranquilos, junto à vegetação que se encontrava um tanto seca, devido à estiagem. Pequenos córregos ou afluentes do arroio Cacaréu mostravam sinais de seca e o mau cheiro. Porém os diversos animais que por ali circulam, utilizavam-na. O solo próximo ao rio, um tanto arenoso, apresentava erosões, desgaste de sua mata siliar e, lixo oriundo das mais variadas cidades situadas às margens do Uruguai: plástico, papel, garrafas, entulhos, inclusive de eletrodomésticos. As árvores mostravam suas raízes: na época das cheias ficam submersas e na estiagem ficam expostas. A paisagem lembrava os manguezais e encantavam pela beleza. O percurso contou com as explicações do sargento sobre a região, a importância e a necessidade de preservar o ambiente. Observamos famílias pescando e banhando-se no leito do Uruguai. Depois de cruzarmos uma parte da trilha bastante fechada, que exigiu de todos paciência e condicionamento, chegamos ao afloramento de rochas pretas, basálticas. Observamos alguns barquinhos abandonados, uma vez que nos córregos, a água estava em nível muito baixo, dificultando a pesca e impossibilitando o acesso por embarcações. Árvores nativas cerravam a mata e para adentrá-la foi necessário adaptar-se ao espaço. Na parte mais aberta encontramos o junco, utilizado no passado

para a construção dos tetos dos CTGs e carramanchões de parques turísticos. O percurso trouxe algumas surpresas: enquanto caminhávamos entre a mata e o rio, o militar que acompanhava o grupo salvou uma rã, prestes a ser abocanhada por uma cobra – situações que fazem parte da sobrevivência das espécies nos ecossistema. Cabe lembrar que quando o GEMA realizou sua primeira caminhada, houve exatamente um ponto no arroio Cacaréu sem acessibilidade devido às cheias. E agora, com a estiagem, tivemos a oportunidade de usufruir das belezas e ultrapassar tais limites, outrora inundados. Chegamos ao contorno das áreas norte e leste da cidade em duas estações distintas – outono e primavera. Com a seca, é interessante perceber que a mata forma muros de barro, onde os deslizos provocados pela erosão fazem com que as árvores se agarrem àquela terra e não se deixem levar rio abaixo. As pedras que compõem as margens mais distantes do rio foram convidativas para um último registro: o grupo posicionou-se e com o rio ao fundo clicou mais uma informação para seus estudos. Das rochas, o olhar acerca da cidade é fascinante: o rio à esquerda, a ponte à frente, prédios elevados e muita mata verde à direita. Ao retornar, cruzamos trilhas de capim atento aos espinhos contidos nos pequenos arbustos. O rio foi deixado para trás, às margens das trilhas, novamente se viu espininhos, vegetação baixa e tunas alta. Os integrantes do GEMA sentiram o sol que brilhou naquela tarde (Katia Rolim – acadêmica).



Figura 4 – A parceria na aprendizagem

5.1.9 Viagem realizada com estudantes de Ciências da Natureza e GEMA – Rio Grande / RS – 14 e 15/01/2012

Durantes os dias 14 e 15 de janeiro de 2012, 23 acadêmicos do Curso de Ciências da Natureza e treze integrantes do GEMA, acompanhados por três docentes e um técnico, realizaram uma expedição de estudo desde o rio Uruguai ao Oceano Atlântico. Os aprendentes, desde Uruguaiana, rumo à cidade de Rio Grande, tiveram a oportunidade de observar e registrar os diferentes ecossistemas presentes neste percurso. Em Rio Grande, visitamos o Museu Oceanográfico da FURG e a Ilha da Pólvora, sob a orientação do biólogo e mestre em Oceanografia Biológica Dimas Gianuca, que explanou sobre a diversidade e a importância ecológica dos estuários e das marismas na região. Na ocasião, também foi realizada a palestra *Planície costeira: potencialidades e conflitos*, ministrada pelas biólogas Juliana de Azevedo Barros e Dérien Lucie Verneti Duarte, membros do Núcleo de Estudos e Monitoramento Ambiental. Após a palestra foi realizada uma expedição na praia do Cassino, momentos em que se conversou especialmente sobre a diversidade faunística desta região. Antes do retorno, ainda visitamos a exposição fotográfica do educador Claudio Tarouco, *Labirinto da Liberdade*, no Ponto de Cultura ArtEstação, no balneário Cassino. Claudio, que foi colaborador de projeto de extensão audiovisual da UNIPAMPA realizou junto aos presentes breve discussão sobre a exposição (Diana – professora).

5.1.10 Saída trilha da Pastoril - 31/03/2012

A atividade neste final de semana resumiu-se a uma caminhada na Região leste da cidade. A trilha percorrida iniciou-se na Praça Farroupilha, localizada na Av. Presidente Vargas, e rumou à Pastoril – Parque Agrícola situado na BR 290. Um breve panorama histórico da praça em questão foi explanado, acerca de quem foi Domingos José de Almeida, e que papel teve na sociedade para ser referendado em praça. Os acadêmicos contribuíram com o discurso relembando as aprendizagens de infância, durante o ensino fundamental. Uma troca de conhecimentos entre gerações. A caminhada então prosseguiu pela Av. Presidente Vargas, trevo de acesso pela BR 290, e em ritmo acelerado. Percebe-se que a comunidade é bastante religiosa, visto que já na entrada da cidade destaca-se uma bela igreja. A área dos trevos comporta silos e secadores de arroz, confirmando a produção em grande escala da Fronteira

Oeste. Em pleno sábado à tarde, há um grande número de caminhões, direcionando-se ao Porto Seco, ou à saída para a capital. Com um tráfego intenso o grupo teve de ter certo cuidado no seu deslocamento – a fila indiana foi utilizada. Em relação à vegetação, pode-se dizer que é rala. Algumas árvores pequenas são vistas, porém com maior ênfase na vegetação rasteira, que cerca aberturas de esgotos, e pequenas pontes entre o asfalto. A placa alerta: *Não jogue lixo, a natureza agradece*, todavia o lixo insiste em aparecer, ser personagem da história, e deteriorar o ambiente da rodovia. Descendo a BR é a vez das estradas de terra, caminhando, contornando a fase do Antigo Hipódromo, seu campo imenso, alguns cavalos pastando e o vilarejo circundante. Uma pausa para conversar e aprender sobre o prestígio em décadas passadas, a produção do rebanho equino, seu investimento e posteriormente, a sua decadência. No diálogo alguns integrantes comentaram do seguimento de corridas em lugares menores, onde as apostas seriam de valores irrisórios, mantendo a cultura do *pingo*. Nesta parte da trilha averigua-se que é intenso o mau cheiro oriundo da queima de lixos e da secagem do arroz. Muita casca de arroz é jogada no campo, e logo insinerada. O lixo também faz parte da paisagem, desde plásticos até monitores de computador. A desordem urbana no local reflete a falta de infraestrutura. Enquanto algumas casas possuem asfalto em suas frentes, o esgoto apresenta-se ao lado; casas circundam o hipódromo enquanto sua rua não possui saída. Seria o final de Uruguaiana? Muros? Adiante campos mostram o que, talvez, seria o início da cidade, moradores questionaram enquanto o grupo passava registrando fotografias, e afirmaram a ideia. O início, ao menos, de uma das partes, já que existem diversos trevos de acesso a ela. Se por um lado a região deste bairro Santo Inácio elenca problemas, por outro possui certa hospitalidade. Alguns cidadãos pararam o GEMA para certificar-se da caminhada e para que os tais registros. Enquanto se aproveitava uma sombra em frente à casa de um casal de senhores, buscou-se reforçar o objetivo do grupo: (re) conhecer Uruguaiana em toda sua proporção urbana e trazê-la para uma visão sócio-ambiental, voltada para o conhecimento, a reflexão, conscientização e sensibilização ambiental através da Educação Física. As crianças alegraram a passagem por certas ruas, seguindo o grupo. O fato repetiu-se em saídas anteriores, onde elas perguntavam, paravam, queriam ser fotografadas, contavam sobre seus

bairros e descreviam suas vidas brevemente. Saindo do Bairro Santo Inácio, retornou-se à BR, rumando à Pastoril. Os caminhoneiros agora são nossos amigos, passando e cumprimentando. Chegando lá se concluiu o percurso de ida, com sombra e água fresca! A Pastoril, pretencente à Associação Rural de Uruguaiana, datada de 1905, e serve de ponto de encontro e mais conversas: a sua história; os eventos campeiros, o gado envolvido; os recursos investidos; o maquinário e os animais de raça negociados em suas festas anuais. Tudo é revisto e discutido no grupo. Alguns já obtinham este conhecimento, outros ouviram com maior atenção. O retorno à Praça Farroupilha ocorreu pelos trilhos num primeiro momento, tendo a sorte de passar ao lado da locomotiva, que no momento organizava o retorno ao centro. Era possível ver chafarizes com água de coloração verde ao lado dos trilhos. Investigando os funcionários próximos, descobriu-se que a água era verde devido ao lanifício que se encontrava atrás dos silos. Superando os trilhos voltou-se à área de um campo de futebol, denominado Zona Leste, onde se avistava os *containers* que recarregariam o trem, ou os caminhões da região. As passadas por este lugar despertaram grande reflexão acerca do ambiente, da organização urbana, dos meios de transporte e a produção da cidade, os seus destinos (Katia – acadêmica).



Figura 5 – O trem e o arroz

5.1.11 Uruguaiana norte – Marduque com Foz do Brasil - 03/06/2012

O domingo ensolarado convidava para uma caminhada, e principalmente, por estarmos na semana dedicada ao ambiente. Portanto, o GEMA propôs a

aproximação com o rio Uruguai, mais precisamente, na região norte, bairro Mascarenhas de Moraes - a Marduque. A saída contou com a participação de professores e acadêmicos, representantes da empresa *Foz do Brasil*, responsável pela distribuição de água e esgoto do município e alguns familiares. O grupo partiu do Parcão, com destino ao arroio do Salso de Cima, cujas águas desembocam no rio Uruguai. Previamente o coordenador deu às boas-vindas aos servidores da Foz, e passou-lhes informações acerca do objetivo do grupo, que utiliza a atividade física como instrumento de aprendizagem através do contato com o ambiente; do trajeto a ser percorrido; e salientou que durante a caminhada haveria diálogos para reconhecimento do local, curiosidades, aprendizagens com o meio urbano. Desde a região central até a BR que avista o bairro Mascarenhas de Moraes pode-se ter uma ideia de conservação urbana, em se tratando da limpeza das calçadas, e asfalto. Adentrando ao bairro, o grupo se dirigiu ao *Museu do Rio Uruguai*, que infelizmente estava fechado ao público. Contudo o professor reuniu os participantes em um círculo frente ao museu e contou sobre a caminhada em junho de 2011; todas as suas aprendizagens sobre o rio através da riqueza histórica contida no museu. Neste momento alguns pequenos uniram-se à caminhada. Eram crianças do bairro, que, muito curiosas, questionavam e caminhavam conosco. Descendo em direção ao rio, ao lado direito da Ponte Internacional, fronteira com Passo de Los Libres observou-se vegetação mais fechada no leito, até chegar ao local da retirada de areia. A placa que informa sobre a extração prevê licença da FEPAM para tal, e diversos trabalhadores encontravam-se nos barcos ou nos veículos para o transporte. O que espanta é o nível do rio estar demasiado baixo, e o trabalho com a extração persistir. Se a cada retirada de areia, juntamente retira-se água, como ficará este leito, sua mata ciliar? Sem proteção vegetal o rio conseguirá manter-se, mesmo que voltem as chuvas e eleve os níveis de água? Enquanto explicava o processo de extração, o professor comentava que o rio cria certos poços, há erosão e os barrancos desmoronam na costa; e que com a proximidade da Copa do Mundo em 2014, onde o país necessita construir estádios, prédios e rodovias para corresponder às regras da Federação Internacional de Futebol, a liberação da extração é liberada. Os pilares da ponte são avistados ao longe, e a *Costanera* de Libres com sua terra avermelhada, demonstra que a estiagem prejudica

também o lado argentino. A caminhada prosseguiu rumo ao arroio Salso de Cima, perpassando por ruas um tanto descuidadas. Há lixo nas esquinas, pátios, junto a cães e gatos bravos. Um velho barco está encalhado num terreno próximo à extração. Terá ele ficado ali visto que o nível do rio baixou a ponto de não mais poder haver deslocamento? O campo próximo ao Salso traz algumas ovelhas, cavalos e vacas e uma fala foi motivo de riso entre os participantes: “*Aquele homem tá de vermelho, a vaca vai correr ele!*” expressou uma das crianças curiosas. Foi bom para lembrar tal aprendizagem da infância. O Salso está logo ali, com seu nível inferior a 2011, quiçá quase seco. Ao longe se avistou algumas aves caminhando pelos filetes de água e muito, muito lixo ao centro. O esgoto corre ali próximo aos campos, a céu aberto, mas uma casa chamou a atenção, onde em seu quintal constavam garrafas *peti* organizadas para futura reciclagem. Esta família tem visão de reaproveitamento do lixo, mesmo que seja para ganhar o seu sustento, porém ajuda o ambiente a respirar, ao seu modo. Na BR 290, novo diálogo acerca do presenciado, a despedida das crianças que nos acompanharam e tanto questionaram ao grupo. Um parêntese à participação de uma pequena *geminha*, de carrinho, com menos de dois anos, filha de uma funcionária da Foz, e que enquanto se alegrou, dormiu e acordou, o grupo seguiu seu caminho. O GEMA agradeceu a participação de todos. Segue reunindo esforço físico à reflexão, almejando uma transformação social (katia – acadêmica).



Figura 6 – Fala no Museu à Foz BRA

5.1.12 Uruguaiana norte – O retorno ao Cacaréu - 05/05/2012

Um ano já se passou desde a primeira reunião do GEMA sob uma sombra maravilhosa, com o ginásio de esportes ao fundo. E para comemorar o aniversário convém que se faça mais uma atividade prática. Por que não a trilha do arroio Cacaréu, visto que foi a saída origem? O sábado ensolarado, convidava para uma caminhada, e eis que se partiu da praça central Barão do Rio Branco, em direção à ponte internacional. O professor refrescou a memória dos integrantes acerca do objetivo do grupo, acolhendo os participantes. Saindo desde a Rua 15 de Novembro, frente à Prefeitura em direção à Rua Bento Martins, pode-se constatar que Uruguaiana estava movimentada com veículos automotores, porém, um menino rompeu a paisagem urbana, ao andar de *skate* pelas calçadas, aproveitando o solzinho, a sombra das frondosas árvores e a brisa que soprava na temperatura ideal. Sacos de lixo e entulhos de obras privadas somam-se por alguns pontos das calçadas, não respeitando horários para o seu recolhimento. Na descida da Rua Bento Martins, próximo ao Colégio Santana é possível admirar arquiteturas antigas e preservadas, com jardinagem impecável, desde a arborização, as folhagens que sobem as paredes, florescendo. Em meio a tais residências, as habitações modernas contrastam: o cimento e suas paredes mostram somente a estrutura material construída, há pouquíssima vida vegetal em suas áreas restritas a andares e mais andares. Quiçá uma visão ampla do rio Uruguai que está logo ali abaixo, na divisa com o território argentino, porém, será que seus moradores viram que possuem vista para a imensidão aquífera? Um centro esportivo de futebol *society* se apresenta adiante, com entrada organizada, estacionamento, lugar amplo, e fica o questionamento: o que houve com os campinhos de futebol de Uruguaiana? As atividades recreativas, físicas e saudáveis para o encontro de amigos, disputas de *peladas* resumiram-se apenas a locais privados? Hoje se tem que pagar para jogar, não há segurança nas ruas, campinhos. Em várias caminhadas do GEMA observamos a restrição de área para a prática do futebol. Não há espaços gratuitos e o Parcão assume todas as possibilidades em cem metros quadrados. A ladeira do Santana foi percorrida até o rio. Algo curioso ocorreu na última esquina. Havia uma espécie de alerta sobre a região, seus perigos e seus moradores: um boneco de madeira rústica, alguns cães, também de madeira, indicando que a zona a seguir seria de perigo. Um poste deitado próximo aos bonecos simulava uma cobra, e justo que deveria se

tomar cuidado. Interpretamos que os moradores criaram as figuras a fim de auxiliar quem passa pela região, afinal, o rio traz muitas cobras, em tempos de cheias. Na beira do rio, a admiração é sobre a estiagem, o quanto o seu nível está baixo, aparecendo pedras brilhantes e lisas, que embelezam a costa, contrastando com a água, refletindo o azul do céu. Dialogaram sobre a estiagem e as cheias. Duas adolescentes do ensino fundamental, que participaram da atividade a convite do pai acadêmico, comentaram que em sua escola estuda-se sobre a região de Uruguaiana, Fronteira Oeste, porém nunca se destinaram a atividades práticas no ambiente, vivenciar o que se vê nos livros e lousa. Aquele momento estava sendo de grande aprendizagem para elas. A ponte estava ao fundo e a caminhada seguia. O trem se aproximava de Uruguaiana e seu barulho, inconfundível, fez retornar o olhar. Enquanto admiravam o trem, alguns barcos de pesca e pequenas chalanas estavam distribuídos próximo à margem. Outros pescadores, solitários, em direções opostas, moviam seus caniços a fim de pescar algo, porém ao ser questionado, um deles salientou que o peixe estava escasso. O terreno da beira do rio é bastante fofo, areia somada ao barro, algumas pedrinhas, sentimos dificuldades em caminhar aceleradamente. Tal dificuldade proporcionou maior atenção ao analisar o caminho e seu entorno. Passos antes do Clube Martim Pescador, o esgoto já se apresenta, desembocando diretamente no rio, sem tratamento. E enquanto sócios organizavam seus barcos para passeios, no centro do rio, duas dragas conduziam a areia para um piscinão, provocando erosão e desmatamento. Grande quantidade de lixo, queimado, ou jogado pela encosta é agravante, maior até que no ano anterior, quando se visitou este mesmo trajeto. É curioso e triste saber que até vaso sanitário quebrado, televisão, monitor de computador, carrinho de bebês e fogões são depositados ali e novos pontos de desemboque do esgoto são detectados, com um cheiro insuportável. Cavalos são comuns nas proximidades do rio, diversos deles estavam à beira, ou próximo aos esgotos, pastando, a mesma vegetação que pena sobre os efeitos. Uma parada estratégica, na sombra já nas proximidades do arroio Cacaréu, a fim de aguardar os retardatários, e discutir o que tinha se visto até então. Alguns sentados, outros questionando, o lixo seguia à nossa volta. Parecia que veio há poucos dias, eram sacolas plásticas, pratos, garrafas *pet*, mamadeiras. Ao fundo uma cancha reta chamou a atenção sobre a criação

de cavalos na cidade, e a utilização do animal para benefícios do homem. Na caminhada de 31 de março (região do antigo hipódromo) comentou-se sobre as canchas localizadas em distintos pontos da cidade, eis que uma se constatou, em um âmbito oposto. Adentramos na mata ciliar e constatamos que o lixo aumentou nesta fase, talvez pela última elevação do nível do rio, talvez pelo desemboque de águas da área urbana. O nível do Cacaréu está muito baixo, e podemos pisar em certas áreas que eram alagadas em 2011. Para surpresa do grupo dois jovens, um carro, um violão e a voz entoavam músicas populares enquanto nos observavam. Passamos discretamente, cumprimentamos e seguimos caminho, porém suas músicas amenizaram a constatação da poluição e descaso no qual a região vivencia. Contornando a área do arroio para retornar ao centro, muito gado é visto, já que pastagem ainda possui em grande escala. Sentimos a ausência das aves, que mostraram suas belezas no ano anterior. Os níveis de água estavam menores, e talvez seja um dos motivos pelo afastamento. Notou-se que enquanto a região está na estiagem, o terreno é utilizado para a realização de corridas de *motocross*, por deter relevo diferenciado. Alguns obstáculos adiante, cruzando árvores pequenas, porém fechadas, saímos nos fundos da Rádio São Miguel. Uma última pausa para conversar sobre o percurso, os limites, os prejuízos ao ambiente, o convite da própria rádio em questão para que o GEMA apresente em sua programação e explane a sua proposta. Todos palpitararam, comentaram, registraram uma última foto da atividade. Recentemente a gestão municipal licitou e terceirizou o saneamento básico da cidade, com intuito de melhorar a sua qualidade, portanto, acredita-se que em futura visita ao arroio Cacaréu, se possa disfrutar de um ambiente menos poluído (katia – acadêmica).



Figura 7 – Ponte Internacional

5.1.13 Uruguaiana norte – arroio Cacaréu com escolares - 05/06/2012

O II Encontro com o rio Uruguai contou com grande público nesta terça-feira, dia dedicado ao Ambiente. Objetivou-se uma caminhada desde a Praça do Barão com destino ao arroio Cacaréu, a fim de trilhar, observar, dialogar, refletir e atuar sobre a situação do rio. O GEMA esteve à frente no trajeto com o apoio de acadêmicos; o Conselho Municipal de Meio Ambiente; 10ª Coordenadoria Regional de Educação; professores multiplicadores em Educação Ambiental e representações de escolares. Enquanto concentravam-se em frente à Prefeitura, crianças circundavam a praça, devido às distintas atividades promovidas para o dia do ambiente. Um pequeno grupo da Escolinha Infantil Gente Miúda passou e encantou. Eram crianças entre dois e três anos que cantavam e entregavam mensagens sobre preservação ambiental. Recebemos uma que dizia: *Não desperdice água, em casa ou em qualquer outro lugar* e que serviu justo para empolgar a nossa atividade: ir de encontro ao rio Uruguai, a nossa principal fonte de água. O coordenador do GEMA apresentou aos estudantes do ensino fundamental o objetivo da atividade, a importância de conhecer o leito do rio em que banha a cidade, a sua influência para o desenvolvimento da flora, fauna e recursos minerais locais. Que ao verem a sua real situação houvesse certa sensibilização para a conservação, o respeito aos bens naturais. Partiu-se aceleradamente pela Rua 15 de Novembro e Bento Martins, até chegar à esquina da Escola Marista Santana, rumando à antiga refinaria de petróleo. O contexto histórico da refinaria, a vinda de petróleo desde a Argentina, e a posterior mudança para Rio Grande foi detalhada numa breve pausa atenta às palavras do professor. Adiante, já em solo arenoso, na margem do rio, os jovens comentaram sobre o baixo nível da água, as pedras negras que aparecem devido à estiagem. Muitos registros fotográficos e filmagens ocorreram. Alguns comentavam com seus professores: *Como há sujeira aqui, por que será que as pessoas jogam lixo no rio? O esgoto aqui cheira mal! Olha professora: tem até sofá e geladeira velhos perto do rio!* Os integrantes do GEMA acompanhavam a caminhada misturados aos escolares, e a cada espanto, ou questionamento dos pequenos, uma breve

explicação era feita, a fim de esclarecer que o cidadão de Uruguaiana não cuida do seu rio, fonte do mineral mais precioso: a água. Pode-se registrar a extração da areia através de um processo de sucção de água e areia através de um cano vindo do rio, com posterior retorno da água sem condições alguma de conservação do leito. Se vê erosões de barrancos próximos à margem. Porém, em meio a tantos registros ruins uma criança exclamou: *O rio está tão baixo, mas o sol daqui é lindo!* Se viemos ao rio e detectamos demasiadas atitudes humanas prejudiciais, por que não olhamos também para a sua beleza? Em torno de 17 horas, o sol estava brilhante, e o céu, azul, prevendo geada. *Ah professora! Ainda falta muito pra chegar nesse Cacaréu,* hesitou o pequeno. Expliquei-lhe que estávamos próximos ao arroio, e que ele deveria ter um pouco de paciência, já iríamos descansar. Ele replicou: *É que sou gordinho né, me canso!* Achei bárbara sua resposta e justifiquei que a caminhada vinha a calhar, para auxiliar no seu emagrecimento. Antes de adentrar a mata ciliar, um tanto fechada, o coordenador contou-lhes que a área do rio preservada era justamente a pequena mata, onde se deveria entrar com cuidado, visto que poderíamos ver aranhas grandes, algumas plantas enredadeiras e espinhentas e até mesmo pequenos animais. O grupo curioso ingressou com cuidado e chegou ao seu destino: o arroio Cacaréu. A decepção estava em cada rostinho, enquanto que muitos expressaram: *Isso é o Cacaréu! Tão sujo e cheira mal!* O grupo parou, olhando ao arroio e conversou acerca da sua conservação, que se houvesse respeito à sua área, ali poderia estar um parque, ou reserva ecológica, ao invés de detritos e aglomerado de lixo. Que tal lugar não é bonito devido à ação humana. O esgoto desemboca no rio, conforme avistado ao longo da caminhada, e é sabido que somente 6% comporta tratamento em Uruguaiana. A caminhada de domingo levou servidores da Foz do Brasil (empresa responsável pelo tratamento de água e esgoto durante os próximos 30 anos na cidade) a uma das áreas de captação de água, na região do bairro Mascarenhas de Moraes. Eles terão este tempo para desenvolver o tratamento de esgoto do município. Fiquemos na fiscalização e torcida para que seu trabalho evolua, e principalmente que respeite as fontes naturais. Era hora de retornar, mais uma olhada e registros do sol, que se afastava, deixando a tarde gelada. A volta teve uma caminhada acelerada, visto que alguns deveriam chegar em suas escolas antes de voltar

para casa. Frente à obra do antigo hospital, atual casa de Convivência, uma última foto para guardar na lembrança de todos aqueles que participaram, caminharam, cansaram, registraram, conversaram, refletiram e, quiçá, saíram com uma consciência ambiental acerca do rio Uruguai, de terras, matas, belezas naturais. E o mais positivo, para nós, enquanto integrantes do GEMA, é que o grupo plantou a ideia, que rendeu esta enriquecedora atividade (katia – acadêmica).



Figura 8 – Aprendizagem à beira do rio

6 CONTEXTO HISTÓRICO DIALOGADO NAS SAÍDAS DO GEMA

Uruguaiana feliz tu nasceste à beira de um rio sorrindo ao luar (ROCHA, 1971). Com estes versos, o autor iniciou a letra do hino da cidade, e como foi feliz o autor ao colocar nesta obra a mais notada referência geográfica da urbe: o rio. Sim, estamos à beira de um rio e, ao mesmo tempo, de costas para ele. Voltemos nosso olhar de cidadãos para longe de suas margens abandonadas: nossa cidade cresceu à margem esquerda do rio, num território disputado por duas nações europeias - Espanha e Portugal. Posteriormente esta área foi motivo de litígio entre Brasil, Argentina e Uruguai. Ao longo do século XIX muito sangue foi derramado nestas terras pela sua posse.

Originalmente aqui habitavam índios Charruas, de cultura nômade. No ano de 1626 o padre Pedro Romero deixa Buenos Aires e faz uma entrada, navegando pelo rio Uruguai até a altura do atual município. A ocupação espanhola e a colonização jesuítica iniciam nesta época, com enorme resistência dos índios Charrua (Closs, 2012).

Na primeira saída do GEMA, nos reunimos na praça Barão do Rio Branco, anteriormente chamada Praça da Rendição, em memória aos dias da Guerra do Paraguai. Tempos em que Uruguaiana, então uma vila com oito mil habitantes, foi saqueada pelas tropas invasoras. A denominação foi alterada durante as comemorações do centenário da cidade, foi então homenageado José Maria da Silva Paranhos Junior (1845 – 1912), o patrono da diplomacia brasileira e uma das mais importantes figuras da história do Brasil. Não se sabe quem patrocinou tal empreitada, embora conste em bronze a seguinte inscrição: *Ao Barão do Rio Branco O Povo de Uruguaiana* numa clara referência ao prestígio junto aos habitantes. Nos quatro cantos do pedestal da estátua havia placas de bronze contendo as inscrições: *Acre, Missões, Oiapoc, Amapá*. Depois desapareceram e provavelmente foram furtadas. A placa original com a escrita *Praça da Rendição* encontra-se no museu Raul Pont.

Da praça partimos para (re)descobrir a cidade. Saímos pela Rua Bento Martins, cuja denominação lembra o herói da Guerra do Paraguai, que naquela época hospedou em sua residência o imperador D. Pedro II, e por este foi agraciado com o título de Barão de Ijuí. Da residência profundamente alterada resta uma fachada junto à Rua Duque de Caxias. Ao longe, na esquina das

ruas Íris Ferrari Valls e Bento Martins situa-se o Colégio Santana, conceituada escola Marista, que forma a elite econômica e intelectual local. Sua história remonta aos anos 1900 quando o padre Vicente Lamata e o banqueiro João Però trouxeram os Irmãos Maristas à cidade com o objetivo de educar os incultos e endinheirados que habitavam estas paragens. A primeira aula da instituição foi realizada em 20 de setembro de 1904. Entretanto somente no ano de 1910, a escola mudou-se para seu atual endereço, instalando-se no prédio da antiga Enfermaria Militar do Exército (Fanti & Fonttes, 2008).

No alinhamento da Rua Bento Martins, o prédio e o terreno (um quarteirão com área de 17.424 m²) foram adquiridos em 1912 pelos Maristas. Em 1923 serviu de trincheira por Flores da Cunha (recém-eleito intendente municipal), repelindo os ataques do líder maragato Honório Lemes (o Leão do Caverá). Seguimos para a Rua Eustáquio Ormazabal em direção ao rio. Na esquina com a Rua Tiradentes, localizamos a atual Praça dos Pioneiros. Ali foi destilado o primeiro litro de gasolina no país. Empresários uruguaios, argentinos e brasileiros fundaram às margens do rio a Refinaria Rio Grandense de Petróleo. Entre eles destacaram-se João Francisco Tellechea, Raul Aguiar, Manoel Morales e Eustáquio Ormazabal – nome que décadas posterior nominaria este logradouro. Em 1935, a Argentina proíbe o trânsito de óleo em seus portos inviabilizando as operações em Uruguaiana. Estas foram então transferidas para a cidade de Rio Grande, RS.

Logo se avistou a primeira refinaria de petróleo do Brasil, que ainda hoje se encontra instalada na antiga sede da Refinaria de Petróleo Ipiranga. Atualmente, no complexo está instalada a Universidade do Trabalho, onde se observou à margem marcos de navegação do início do século XX. Dirigimos ao sul, desviando dos depósitos de areia, alterando o trajeto pela Rua Marechal Floriano. No cruzamento desta com a Rua Bento Martins encontramos o Estádio Felisberto Fagundes Filho, sede do Esporte Clube Uruguaiana, fundado em 19 de maio de 1912 (produto da união dos clubes Souther Wanderes e Riachuelo). Foi neste clube que iniciou a carreira o lendário Eurico Lara, que viria a jogar no Grêmio Futebol Porto-Alegrense, sendo o único jogador citado na letra do hino do clube.

Ainda podemos observar um paredão, tudo o que restou do Exército, instalado em Uruguaiana após a Guerra do Paraguai. Com sua transferência o

prédio foi sendo destruído aos poucos. Atualmente está edificando o prédio da Justiça Federal, eliminando a única evidência física desta parte da história uruguaiana. Passamos ao largo do estádio até alcançarmos a Escola Estadual Salgado Filho, derivada do Senador José Gomes Pinheiro Machado. Nascido em 1852, formado em direito participou da Guerra do Paraguai na condição de praça. Durante a Revolução Federalista de 1893 comandou tropas legalistas tendo vencido o lendário líder maragato Gumercindo Saraiva no combate de Passo Fundo. Pecuarista representou o estado do RS no Congresso Nacional que redigiu a Constituição de 1891, tendo sido eleito senador pelo voto popular no mesmo ano. Foi assassinado no Rio de Janeiro em de setembro de 1915.

No limite sul do antigo perímetro urbano avista-se a *linha de marcos*. Seu início é na foz do arroio Cacaréu e finda na foz do arroio Salso de Cima. A linha é composta por doze marcos, onde a cada nova direção do traçado um marco era instalado. Os marcos eram construções de concreto com cerca de um metro de altura e identificados com número em algarismos romanos. Esta linha separou a meia légua de campo em quadra, desapropriada da Sesmaria do Meio, então propriedade de Couto Rico, para a futura instalação da vila que daria origem à Uruguaiana, segundo Wayne (2013). O fato de ser doze marcos, e não dez, ou quinze, nos faz pensar os motivos para fixar este número. Seria uma referência aos doze apóstolos de Jesus Cristo? Aos doze meses do ano?

Já em 24 de fevereiro de 1843 o então presidente da República do Piratini, General Bento Gonçalves, autoriza, por decreto a criação da nova povoação. Atendendo apelo da população e a ordem direta do Governo Farroupilha, o Ministro da Fazenda Domingos José de Almeida, que trabalhou para a instalação desta nova povoação lembrou aos engenheiros responsáveis pelo traçado da cidade de dar-lhe o nome de Uruguaiana (Villela, 1971). Ao chegarmos à foz do Cacaréu, fomos impedidos de seguir devido à cheia. Nosso objetivo de encontrar o primeiro dos doze marcos que delimitaram o perímetro urbano do município frustrou-se.

Retornamos pela margem do arroio Cacaréu, passando pelos campos da chirca, área onde a população joga futebol de várzea e aposta em corridas de cavalo na cancha reta. Logo estávamos juntos a Sanga da Raposa, córrego próximo à antiga olaria. A antiga Santa Casa de Caridade, hoje Centro

Geriátrico Comendador Bermudez se apresenta, recuperando as instalações do antigo hospital, e a pequena capela Nossa Senhora do Horto, edificada frente ao prédio do hospital. Dom Ângelo Domingos Salvador (6º Bispo Diocesano de Uruguaiana) comenta em seu trabalho intitulado *Padres na Diocese* que a capelania da caridade já existia em 1913, sendo responsável o Padre Donato de Jesus. Nesta quadra, durante um século, funcionou o hospital e o necrotério da cidade.

Seguimos pela Rua Marechal Floriano e depois pela Dr. Maia. No trajeto observamos a parte já recuperada e as ruínas do Centro Geriátrico. Passamos pela Secretaria Municipal de Obras em direção à esquina da Rua 15 de Novembro. Ali, com a catedral de Sant'Ana ao fundo, tiramos a última foto de nossa primeira aventura. A igreja é sede da Diocese de Uruguaiana, criada em 1910 pela Bula Papal *praedecessorum nostrorum* do Papa Pio X. A catedral foi edificada no exato local onde antes se situava a Igreja da Matriz. Esta fora construída em 1861, destruída num incêndio em 1906, reconstruída em 1907 e demolida em 1926 para dar lugar ao novo templo. A Catedral levou 32 anos pra ser concluída (Fanti e Fonttes, 2008).

Diversas foram às atividades deste grupo que aos poucos (re)descobriu a história, não apenas da elite intelectual e econômica, mas também encontrou a história dos anônimos. Presentes no Parque Dom Pedro II, entre as avenidas Flores da Cunha e Presidente Vargas, éramos cercados pela história do Brasil. No cruzamento das avenidas encontra-se o Obelisco, monumento que sinaliza o local onde o general Estigarribia, comandante das tropas paraguaias, entregou sua espada ao comandante da armada brasileira: o próprio Imperador. Um monumento ao imperador existiu, e já se localizou na praça Argentina até o final da década de 80, quando foi trasladado para o Parcão.

Este parque anteriormente fora pátio de manobras da BGS, empresa de viação férrea que após a Guerra do Paraguai ligou a Barra do Quaraí à cidade de Uruguaiana. Com a mudança de localização do parque de máquinas a área foi destinada à população. Ao fundo podíamos avistar junto ao cruzamento das ruas Dr. Maia e Benjamim Constant o antigo prédio do IRGA que juntamente com a Colônia Rizícola nº 2, localizada na vila de São Marcos, fez parte do esforço de guerra do governo de Getúlio Vargas.

Nesta área, ficava o cemitério municipal, onde na Guerra do Paraguai encontravam-se entrincheiradas as tropas brasileiras. O cemitério foi removido para o bairro Cabo Luiz Quevedo. Porém, relata-se popularmente que é comum ainda hoje encontrar ossos humanos ali. Na quadra ao lado admiramos a bela arquitetura da Estação Rodoviária de Uruguaiana, que juntamente com o Parque Dom Pedro II e a praça Argentina constituem a maior área equipada para o lazer da cidade.

A Estação Rodoviária edifica-se na famosa quadra 86, onde ocorria a maior feira de venda livre do município. Dezenas de vendedores instalavam suas bancas nesta quadra, ônibus oriundos da Argentina estacionavam e os *hermanos*, auxiliados pela política fiscal e cambial de seu país compravam distintos produtos, especialmente eletrônicos e doces. Foram dias de dinheiro fácil. Uruguaiana era o *El dorado* brasileiro. Nesta época a população deu uma guinada, porém o município não conseguiu organizar o seu crescimento. Tampouco pode ofertar serviços públicos básicos.

Rumamos à Rua Flores da Cunha, antiga rua dos cubeiros. Estes desciam ao rio para lavar as cubas, nas quais levavam os dejetos. Alguns metros e alcançamos a antiga casa de tolerância de Ivo Rodrigues, popular muito conhecido da região. Foi um empresário que sempre esteve à frente de alguma casa noturna, onde havia belas mulheres e bebidas. Trajava vestes femininas e talvez tenha sido a primeira *drag queen*² das Américas. Seu quarto era referência, muitas pessoas iam à sua casa apenas para conhecê-lo. O povo com o tempo criou o bordão: *mais enfeitado que o quarto do Ivo!* Seu bordel ficava frente à Delegacia de Polícia, hoje uma revendedora de automóveis. A casa onde funcionou o primeiro cabaré do Ivo Rodrigues ainda existe, mas dificilmente sobreviverá mais de duas décadas.

Adiante encontramos a quadra onde está localizado o Colégio União, fundado no final do século XIX por Aleixo Vurlod, cidadão francês, nascido em Lion, residia na cidade e através de sua sensibilidade percebeu a necessidade da população local de ter acesso à educação. Vurlod faleceu em 1910 deixando para os missionários da Igreja Metodista a direção da escola (Fanti &

² Artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico. No mais das vezes, apresentam-se em boates e bares para o público homossexual. Também participam da animação de festas de casamento, debutantes e formaturas.

Fonttes, 2008). Na quadra seguinte paramos em frente à sede da empresa Foz, onde até 2012 funcionava a CORSAN, e anos atrás a Hidráulica. Ali se situou a Praça General Osório, um espaço perdido pela população. Também era conhecido como Coxilha dos Loucos, pois havia nesta parte da cidade alguns bordeis, onde homens do campo e jovens da sociedade deixavam seu dinheiro para desfrutar de mulheres e bebidas. Noites que terminavam em brigas de facão e tiros disparados pela rua. Daí o povo dizia: *Olha! Os loucos tão brigando na coxilha!*

Ao final ou início da rua encontramos a área da aduana, um gigantesco espaço destinado ao acesso à ponte internacional, que separa os bairros Centro e Santo Antônio do Bairro Mascarenhas de Moraes. Até meados da década de 70 a cidade descia da Hidráulica para o rio sem interrupções. Foram os sonhos de um Brasil grande que destruíram grande parte da cidade. Várias quadras foram desestruturadas. Casas que contavam a história calaram-se sob o peso das máquinas. Os moradores foram indenizados, contudo, jamais se recuperaram da perda. Este projeto cortou a cidade ao meio, criando um imenso vazio urbano onde se encontra o prédio da aduana. Ademais foi instalada uma cerca ao norte, limitando em maior proporção o bairro Mascarenhas de Moraes.

Em 07 de janeiro de 1972, com a presença do presidente da República General Emílio Garrastazu Médici, inaugurou-se o novo acesso à Ponte Internacional. Na época a iluminação pública contava com duas lâmpadas a cada quadra, e a senhora Nair expressa em depoimento que “o evento trouxe uma iluminação nunca vista, era uma coisa maravilhosa, não almocei naquele dia! E nesta noite as pessoas vieram às centenas para passear no novo acesso, parecia um estádio de futebol” Lemes (2013).

Na década de 70 eram muito ouvidas na cidade as novelas de rádio, pois a televisão ainda não havia chegado. Em uma novela, cujo título era O Egípcio, o vilão da trama chamava-se Marduk (um Deus babilônico) que tinha sua base em uma ilha: a ilha do Marduk. Devidamente aporuguesado tornou-se Ilha do Marduque, alcunha pela qual até hoje é designado o bairro Mascarenhas de Moraes. Neste bairro nasce uma das maiores escolas de samba da cidade que imortaliza a denominação ilha do Marduque. Tendo, na sua origem, diversos integrantes da maçonaria a escola tem como um dos seus

símbolos a esfinge que nos remete ao Egito Antigo, berço desta filosofia e, inconscientemente à novela de rádio que iniciou tudo isso: O Egípcio.

Adentro do bairro se encontra o museu Marinha do Brasil, dedicado à memória e história de nossa armada. A sua área é ampla, tendo uma exposição permanente, protegida e ao ar livre, com distintas embarcações. Uma maneira de não morrer nossa origem, pois primeiramente esta localidade chamou-se Santana do Uruguai e para não ser confundida com Santana do Livramento teve seu nome alterado para Uruguaiana. Uma união do nome do rio que margeia a cidade com a padroeira Sant'Ana. Próximo daí ficava o consulado Paraguai, onde a residência ainda existe, propriedade das senhoras Petrônia Vasques Teixeira e Celma Vasques, filhas do Cônsul Paraguai Laureano Vasques (Fanti & Fonttes, 2008).

A caminhada seguiu agora à margem sul do riacho, observando suas águas tranquilas. Próximos à rodovia voltamos ao bairro. Um pulo e viera o acostamento, do outro lado, no bairro Santo Antônio, frente à capela do riacho. Uma construção de madeira, com pequena torre de alvenaria, tendo sobre o campanário uma cruz. Atualmente denominada Igreja Metodista São Paulo. Sua origem remonta aos anos de 1920. Deste ponto nos dirigimos pelo leito da viação férrea até a margem do rio onde se encontra a imagem de Iemanjá, frente ao Iate Clube Tamandaré.

Em outra saída do GEMA, a história de Uruguaiana é dialogada pelo seu interior. O grupo partiu da Prefeitura Municipal - Palácio Rio Branco, com destino à Colônia Rizícola n.º 2 e à Vila da Barragem Sanchuri. Partiu-se pela rodovia numa manhã fria, onde, até 1972 estes caminhos eram de chão batido, cujo sonho de um Brasil Grande trouxe as rodovias pavimentadas até a Fronteira Oeste do RS. Esta rodovia é hoje denominada Presidente João Goulart, uma homenagem ao homem que não traiu seus ideais para manter-se no poder. Sua escolha lhe custou caro: foi o único presidente brasileiro a morrer no exílio. O esquife com seu corpo sem vida chegou à *gendarmeria* argentina de Paso de Los Libres no dia 08 de dezembro de 1976, e retornou à Pátria por este caminho de onde foi levado para seu repouso final em São Borja.

Das ruas da cidade avançamos pela rodovia, pontes, rios, barragens. Os arrozais ao amanhecer. Aquilo que víamos todos os dias adquiria novos

contornos, novas explicações. No trajeto até São Marcos o historiador Dagoberto Clos nos brindou com uma palestra. Nos era contada a história desta terra, de seus primeiros habitantes: índios Minuano e Charrua até a ocupação jesuítica. Inacreditável! Muitos duvidaram de tal presença aqui, no extremo oeste dos pampas. Em São Marcos descemos próximos da praia do Cantão e buscamos conhecer a bucólica vila. Visitamos a vinícola, instalada aí como tentativa do governo local em diversificar a produção rural. Iniciamos uma caminhada até o Parque Natural Municipal de Uruguiana, interrompida na metade do percurso devido à cheia do rio Uruguai. Retornamos até o Cantão para a refeição, cuja preparação envolveu peixes, a alimentação do ribeirinho - aquele que vive do rio e para o rio.

Após o almoço partimos para visitar as ruínas da estância de Santiago, demarcada com uma placa: *Neste local em 1657 os padres jesuítas da Redução de Japejú fundaram a Estância Santiago – a 2ª na banda oriental do Rio Uruguai*. Localizada às margens da BR 472, km 50, em direção à cidade de Itaqui, neste local restam as ruínas de uma capela, quatro mangueirões e um poço d'água. As pesadas pedras da Estância Santiago lá estão, nas margens da BR 472, como sentinelas, indicando aos visitantes os locais onde os padres jesuítas e inúmeros índios Guarani escreveram com sangue, mais um capítulo no painel da história (CLOS, 2012).

O passeio chegou ao fim, entretanto, o aprender e o ensinar segue. Continuamos reconstruindo e compartilhando o conhecimento histórico-social, em busca de um convívio harmonioso com o ambiente explorado junto às demais culturas.



Figura 9 – A História do BRA na praça

7 APRENDIZAGENS DO GEMA A PARTIR DA ANÁLISE DOS REGISTROS

Esmiuçados os registros textuais, fotográficos, audiovisuais e artísticos do GEMA, pode-se classificar as aprendizagens destes jovens acadêmicos e professores em determinados contextos e área do conhecimento. A sequência de atividades permitiu demonstrar o perímetro percorrido em sua totalidade.

7.1 Locais Explorados

- a- Arroio Cacaréu
- b- Salso de Cima
- c- Salso de Baixo
- d- Distrito de São Marcos
- e- Pastoral
- f- Trilha do Brigadeiro Sampaio (QG – arroio Cacaréu)
- g- Pedalada pela cidade
- h- Costaneira de Paso de Los Libres

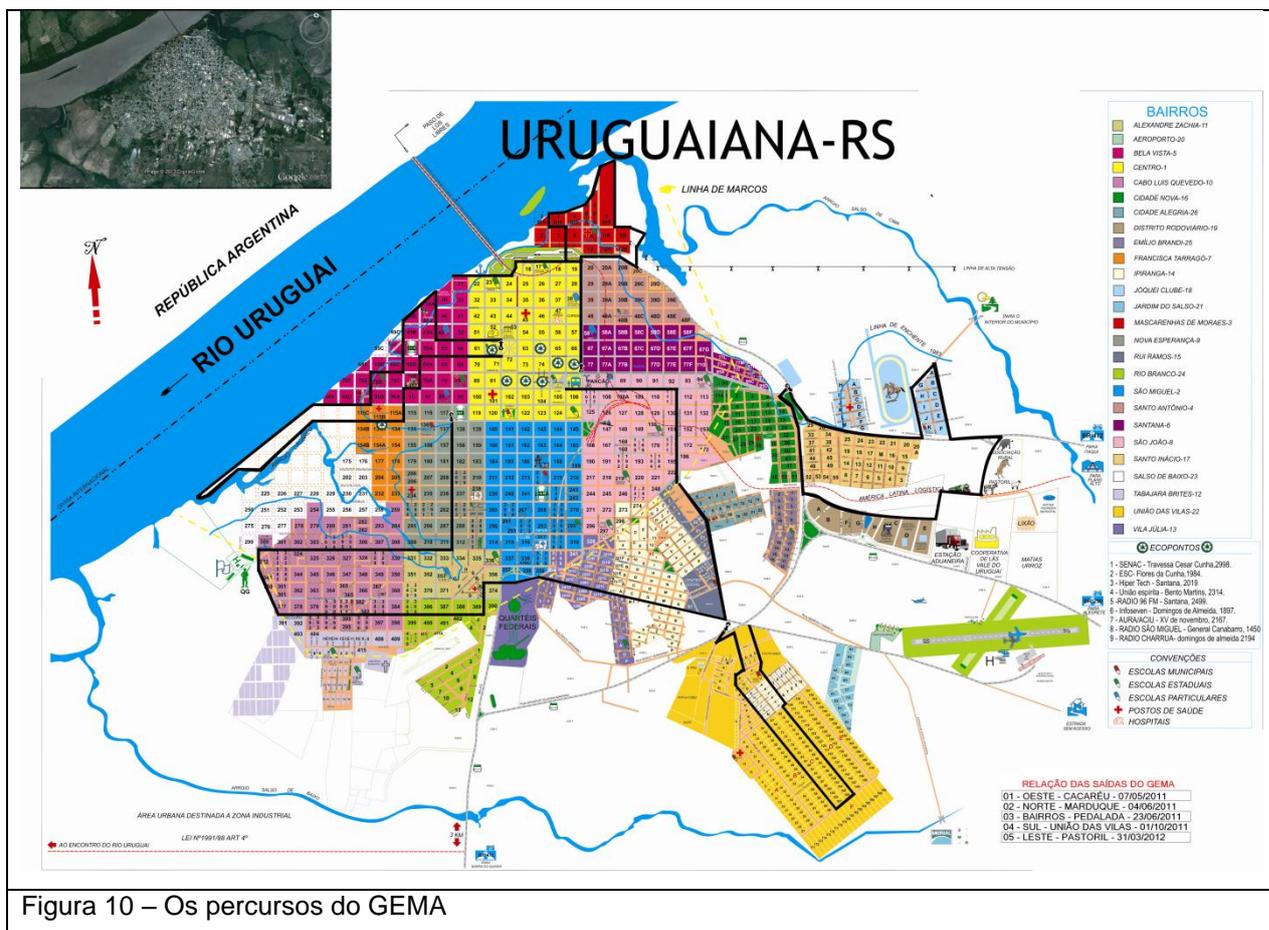


Figura 10 – Os percursos do GEMA

7.2 A Comunidade e seus Habitantes

Os sujeitos observados nos encontros com a comunidade de Uruguaiana pôs em evidência a riqueza considerável de moradores em suas particularidades em todo o seu universo cultural. Os pescadores encontrados na visitação ao arroio Cacaréu trouxeram informações acerca do rio Uruguai, enquanto cultura, história e geografia, economia, ambiente, cidadania, e valorização do entorno. O casal pertencente à associação de pescadores informou que seu trabalho depende da pesca, suas vendas do pescado ocorrem a varejo ou em grande volume; que a tiragem do produto depende da época do ano, estação, período de chuvas, de cheia do rio ou da liberação pós-piracema – “migração de peixes para desova” (HOUAISS, p.572, 2004).

Foi relatado que a extração de areia do rio dificulta a pesca, visto que o volume de água é sugado para a costa, muitas vezes com peixes pequenos, e onde o terreno é revolvido, dando margem à erosão. Nas proximidades do Cacaréu um andarilho, com seu cajado, semelhante aos pastores de ovelhas, uniu o grupo em seu entorno, e detalhou a real situação daquela região, a devastação ambiental, a preservação necessária com urgência e a valorização do rio Uruguai, onde a sua destruição levaria consigo toda uma imensidão de riquezas naturais.

As espécies de peixes oriundas do rio Uruguai restringem-se ao Dourado, Piava, Bagre, Taraíra, Pati, Grumatã, Cascudo, Pintado e Lambari. Tais espécies estiveram presentes na ceia realizada na comunidade de São Marcos, na saída do grupo ao Interior de Uruguaiana. Os moradores coordenaram um *buffet* destas iguarias, pescados no próprio rio, na altura do 5º Distrito. Pode-se averiguar que o pescado é encontrado em todo o leito, desde a sua margem no largo urbano ou rural, sendo que a comunidade depende do cultivo para consumo próprio.

As crianças tiveram papel especial nestes percursos do GEMA segundo os registros. Elas viam o grupo passando e seguiam pelo bairro, pela rua, de bicicletinha ou a pé. Até mesmo em cavalo a turma foi acompanhada. Além de seguir, elas indagavam o porquê de estarem ali, se seria organizado algum tipo de evento ou algo semelhante. O positivo é que enquanto questionavam, o GEMA retomava investigando, tentando extrair opiniões deles sobre a

localidade, suas dificuldades com habitação, saneamento básico, escola e momentos de lazer. Elas desabafavam quando mostravam que o esgoto em frente às suas casas corria céu aberto; o asfalto passava como um gel preto sobre a terra e árvores eram desmatadas nas proximidades, para o pai sustentar a família através da lenha.

Contudo, em meio ao vilarejo da saída pelo Salso de Baixo, encontrou-se uma beleza natural de encantar os olhos: a chácara das rosas. Rosas estas de todas as cores, uma produção em grande escala, protegida por frondosos arvoredos. Posteriormente seriam comercializadas no centro da cidade, servindo para o sustento de algumas famílias.

No bairro Mascarenhas de Moraes crianças explicaram com detalhes como funcionava a extração de areia do rio, a utilização das dragas, os barcos pesqueiros, e a compra e venda do produto na vila. Isso faz com que reconsideremos o papel da criança na sociedade, onde desde sua infância já se depara com realidades tão comprometedoras de inclusão profissional, mesmo que seja para auxiliar familiares pescadores ou extratores de areia para os fins econômicos.

Uruguaiana possui uma população equina bem consistente em seus registros de associações rurais e sindicatos, porém ao caminhar pelas ruas, pode-se notar a imensidão de cavalos soltos, ou sendo utilizados em transporte de carroças, maltratados e até mesmo esgotados fisicamente. Os cães foram numerosamente registrados, visto que saíram em todas as atividades, envolvendo o grupo, ora para se defender, ora para acariciar a companhia. Cães sem cuidados, famintos ou sujos, doentes. É visível que os órgãos competentes não tomam partido da situação, enquanto a cidade pode ser vítima de inúmeras enfermidades oriundas dos cães desassistidos.

O GEMA, enquanto realizava suas caminhadas foi identificado por moradores, recebendo apoio para prosseguir e respeito pelas suas manifestações nos meios de comunicação. A comunidade aguardava a divulgação da saída do final de semana, para informar-se, através do jornal, qual o ambiente visitado e suas aprendizagens registradas. Em especial moradores de bairros periféricos e do interior do município se destacaram neste reconhecimento.

Já a economia movimentada pelo comércio, na área urbana, nos faz repensar o passado de Uruguaiana, enquanto enorme potencial da Fronteira Oeste, na venda para os argentinos, enquanto a economia do país ia de mal a pior, com demasiada inflação, e atualmente, devido a certa estabilidade, vê-se o comércio fraco, apenas mantendo vendas internamente. Este baque comercial também foi discutido nas reuniões do grupo, enquanto Uruguaiana resume seu potencial comercial, onde antes era topo e hoje é base frente à economia gaúcha.

Em se falando do arroz, a situação não mudou de tempos para cá. Independente de a economia encontrar-se instável ou não, a cidade sempre foi produtora orizícola de mão cheia. Suas vendas sempre foram recordes de produção e caminhando pelas margens urbanas, notou-se a imensidão verde, circundando a cidade. Este trabalho envolve desde o produtor chefe, proprietário da terra ao aguador - sujeito simples que coordena a liberação da água para a plantação.

Os transportes dessa produção envolve caminhões, registrados entre distintas saídas às regiões de rodovias, e a via ferroviária, avistada pelo GEMA na altura da Associação Rural de Uruguaiana, no Parque Agrícola e Pastoril. Os trens que levam a produção de Uruguaiana para Argentina é de responsabilidade da American Latina Logística, perfazendo percursos que envolvem a entrada e saída de produção a nível internacional na Fronteira Oeste.

7.3 O Registro

Após vivenciar as atividades práticas proposta pelo GEMA, seus integrantes possuíam total liberdade para expor no papel sua compreensão e aprendizagens. Era chegada a hora de escrever, digitar e resumir aquilo que foi relevante na experiência. Percebe-se que os textos produzidos, divulgados por meio jornalístico ou páginas eletrônicas refletem que estar no ambiente em que é tema a ser estudado, é muito mais rico para aprender do que simplesmente estar na sala de aula, folhando as páginas dos livros.

O detalhe de diálogos ocorridos nas atividades, explicações por parte dos professores em distintas áreas do conhecimento permearam, onde os acadêmicos puderam filtrar informações, relatá-las e aprender. Se a escrita não é vista como função do educador físico, pois sua profissão exige a prática de movimentos, estamos equivocados, já que este grupo produziu expressiva escala de textos, vídeos, poemas, desenhos, pinturas, e troca de opiniões enquanto desenrolavam as suas reuniões semanais. As reuniões, detalhadamente marcavam-se com a fala inicial do coordenador do grupo, dando prosseguimento segundo a manifestação dos integrantes. Enquanto era lançada a pauta, sobre uma atividade anterior, já se fazia um gancho com a atualidade, com os problemas ou soluções pertencentes à comunidade uruguaianense.

Com a realização de reuniões e posterior desenvolvimento dos textos, os acadêmicos fortalecem seu comportamento crítico acerca do belo e também dos problemas vivenciados na cidade de Uruguaiana. Refletiu-se sobre o ambiente poluído em determinadas áreas, a vegetação rara, e a mata ciliar reduzida gerar a erosão, desordenando o leito do rio.

Vindo dos discursos e posteriormente, registrado no papel, a preocupação com a flora e fauna local é grande. Cabe abordar nas aulas de Educação Física a importância do tema transversal Educação Ambiental, para que haja compreensão, sensibilização e respeito pelo ambiente, e se constituam e formem cidadãos comprometidos com a sua localidade.

Já as belezas naturais foram inspiradoras para desenvolver textos poéticos, detalhistas e enriquecedores acerca das vivências, familiarizações e admiração enquanto espectador da natureza uruguaianense. O rio transformou-se no poema *Na beira do rio*, de um acadêmico. As caminhadas pela natureza resultaram no logotipo do grupo, que resume as atividades propostas dentro da Educação Física: o caminhar, o correr, o pedalar somados à Educação Ambiental. E o ambiente urbano, construído, verde ou natural uniu-se ao símbolo da universidade. A sensibilidade deste acadêmico, cuja dedicação deu origem à marca do grupo representa a total compreensão da real proposta do GEMA enquanto auxiliador na construção do conhecimento.

7.4 A Sensibilização

A participação das atividades propostas pelo GEMA provocam a reflexão subjetiva, onde o acadêmico, enquanto aprendiz de situações reais de proximidades a ambientes socioeconômicos pouco desenvolvidos, dos descasos com os sistemas de esgoto, das consequências negativas para o rio, as margens, e a vegetação por onde este perpassa, vê a necessidade de conscientizar-se sobre as ações humanas e sensibilizar-se para novas práticas sociais que envolvam este ambiente.

Ao caminhar pelo arroio Cacaréu viam-se imensas paisagens embelezadoras, e também espaços deteriorados pelo acúmulo de lixo, extração elevada de areia do rio Uruguai, desmatamento da mata ciliar, e esgoto sendo desembocado logo ali, nas proximidades dos banhos das crianças ribeirinhas. Ver e simplesmente registrar os fatos não foi suficiente, portanto tais registros serviram para compreender que as atitudes humanas vêm prejudicando o entorno, implicando futuramente, na saúde e estrutura ambiental da cidade.

As reuniões que o GEMA realizou sempre demonstraram interesse maior do que o simples caminhar, pedalar ou correr pela cidade. Era necessário compreender o local, as raízes, as origens, a sociedade de Uruguaiana. Suas áreas demarcadas, na forma urbana ou rural, como nos registros de São Marcos, produziram aprendizagens naturalmente, durante um passeio às margens do rio Uruguai, altura do Passo do Aferidor e nas ruínas de estâncias importantíssimas para a região da fronteira oeste no contexto histórico.



Figura 11 - Logotipo do GEMA

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1 A Influência na Formação Profissional

Nas contribuições para a formação profissional enquanto acadêmicos de Educação Física e aos professores participantes das atividades do GEMA se destaca o diálogo, sempre presente nas saídas do grupo, tanto por parte dos professores, dos acadêmicos, dos convidados, dos sujeitos que encontravam-se pelo caminho, dos escolares na Semana do Meio Ambiente, aclarando e confirmando que pode-se elevar a bagagem de experiências de aprendizagens.

Houve fortalecimento do comportamento crítico dos acadêmicos acerca do belo e também dos problemas vivenciados na cidade de Uruguaiana. Cabe abordar nas aulas de Educação Física, a importância do tema transversal Educação Ambiental, para que haja compreensão, sensibilização e respeito pelo entorno, enquanto cidadãs e cidadãos comprometidos com a sua localidade.

Junto ao andarilho da primeira saída com destino ao arroio Cacaréu ouviu-se um grandioso relato dos tipos de peixes que se encontravam no rio Uruguai, a história, a lenda por trás do nome, o detalhe do caramujo, enquanto se retomava a junção dos nomes Uruguai (rio) e Ana (moça que ficava à sua margem a espera do noivo) surgindo, assim, a cidade de Uruguaiana. Este também trouxe informações sobre a vegetação próxima ao rio, seu desmatamento, a extração das areias e sua conseqüente erosão do leito.

O GEMA se constituiu enquanto estratégias para trabalhar a Educação Ambiental, usando a Educação Física como meio, tanto o fez, que houve reconhecimento pelos órgãos locais, sendo convidado a trabalhar em parceria junto às escolas, com sua nova forma de englobar distintas áreas do conhecimento e a Educação Física.

Ao percorrer os caminhos da periferia que se aproximavam do rio Uruguai, surgiu o interesse pela regionalização, trazendo à tona o gosto pelo desbravamento da cidade. Para os universitários, que em breve, estarão atuando nas diversas escolas do município – e aos acadêmicos dos demais cursos da UNIPAMPA Uruguaiana que participam do grupo, é importante

conhecer a região em que irão trabalhar para que possam entender melhor as necessidades e particularidades da população.

Dessa forma, proporcionando ao aluno uma vivência diferenciada do método tradicional de ensinar, as atividades realizadas pelo GEMA demonstram que a metodologia utilizada para trabalhar Educação Ambiental associada às disciplinas do currículo básico realizam uma profunda reflexão na questão de que cidadãos estamos formando com a didática utilizada no dia a dia. Assim, quando o aluno sai da escola para o ambiente externo, os conteúdos parecem ficar muito mais interessantes.

Enfim, se precisássemos ter hipóteses, estas ações e análises comprovariam que a Educação Física pode ser o componente curricular capaz de propor práticas interdisciplinares no campo da Educação Ambiental através do estudo do entorno escolar, da ambiência social.

Finaliza-se sugerindo que, nas próximas intervenções, a responsabilidade de trabalhar Educação Ambiental não fique apenas com alguns professores, mas que possam ser desenvolvidas em todas as disciplinas. Que as escolas incentivem seus alunos e seus professores a participarem dessas atividades privilegiando, assim, o conhecimento por belas paisagens e a apreensão de conteúdos ao ar livre.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marise Jeudy Moura de. **A relação entre a Educação Física e a Educação Ambiental – Um estudo na Rede Municipal de Ensino de Curitiba**. IX Congresso Nacional de Educação. Curitiba, PR. Out 2009.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Editora Magister. São Paulo, SP. 121 p. 1992.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_29.03.2012/index.shtm . Acessado em 21 abr 2012.

_____. **LEI 9.795/1999 – Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acessado em 02 abr 2013.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> . Acessado em 02 abr 2013.

_____. Mello, Soraia Silva de; Trajber, Rachel (orgs.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acessado em 21 abr 2012.

CLOS, Dagoberto Alvim. **A Cerca do Jiquiri e os Quilombos de Uruguaiana**. Uruguaiana, Gráfica Universitária, 80 p. 2011.

_____. **A mão dos jesuítas**. Uruguaiana, Gráfica Universitária, 90 p. 2011.

_____. **Marcas da escravidão**. Uruguaiana, Gráfica Universitária, 54 p. 2011.

_____. **Depoimento oral**. Uruguaiana, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Editora Cortez. São Paulo. 84 p.1992.

CUNHA, Álvaro Luís Ávila da. **Pedagogia das rua: caminhar, correr e pedalar**. Caderno de Formação RBCE, v. 3, n. 1, p.97-108, mai 2012.

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atividade Física e meio ambiente**. Rev. Bras. Educ. Esp. São Paulo, v. 20, p 21-23, set 2006.

DESSESARDS, Luciano Dias. **Revista Historiador**. Uruguaiana: Gráfica Universitária, edição 01, 32 p. 2012.

DOMINGUES, Soraya Corrêa. **Educação Ambiental e Educação Física: possibilidades para a formação de professores.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n.3, p. 559-571, jul a set 2011.

FANTI, Daniel. **No tempo das diligências e dos lampiões de rua.** Uruguaiana: Gráfica Universitária, v 2, 228 p. 2003.

_____ e FONTTES, Carlos. **Uruguaiana na linguagem plástica e histórica.** Editora Paloti, Santa Maria, RS, vol. 1, 250 p. 2008.

FERNANDES, Luciana Gomes. **Práticas Corporais de Aventura na Natureza e Educação Física: uma área de atuação?** Projeto de Iniciação Científica. Escola Superior São Francisco de Assis. 2005.

FIGUEIREDO, Wayne Moacir d'Agustin. **Depoimento oral.** Uruguaiana, 2013.

FONTTES. Carlos. **Uruguaiana aqui te canto.** Editora Evangraf. Porto Alegre – RS, 222 p. 2000.

_____ e DUARTE, Ricardo P. **As Estâncias Contam a História.** Editora Palloti, Santa Maria – RS. v 1, 298 p. 2002.

FRAGA, Alex Branco. **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos.** Editora Gênese, Porto Alegre RS. 125 p. 2009.

GUIMARÃES, S. S. M. et al. **Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 7-218, mai 2007.

HINO, Adriano Akira Ferreira. **Ambiente construído e atividade física: uma breve revisão dos métodos de avaliação.** Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, v.12, p. 387-394, mai 2010.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** Editora Moderna Ltda. São Paulo, SP. 907 p. 2004.

INÁCIO, H. L. de D. et al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (orgs). **Experiências em educação física para outra formação humana.** Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, vol.3, 2005.

LEMES, Nair Gonçalves. **Depoimento oral.** Uruguaiana, 2013.

MACHADO, P.R.M. **caminhada na natureza: prática alternativa de Educação Física escolar para fins de educação ambiental.** Revista Machado & Muller, v. 4, p. 749-757. 2011.

MARINHO, Alcyane. **Atividades de aventura como conteúdo da Educação Física: reflexões sobre seu valor educativo.** Revista Digital. Buenos Aires - ano 10, n 88, set 2005.

_____. **Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: Diálogos Possíveis**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP. Autores Associados. v. 28, n.3, 2007.

_____. **V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. Entre o urbano e a Natureza: A inclusão na aventura**. Editora Lexia, São Paulo, SP. 180 p. 2011.

MEDINA, Joao Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo e mente**. 23ª Edição. Editora Papyrus, Campinas, São Paulo. 95 p. 2007.

MONTEZUMA, Francisco Gomes Acaiaba. **Protesto do Senador Visconde de Jequitinhonha contra a intervenção dos aliados no sítio e rendição da cidade de Uruguayana**. Laemmert, 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ. 29 p. 1865.

NASCIMBENE. Luigi. **Tentativa de Independência do Estado do Rio Grande do Sul**. Companhia Editorial. Porto Alegre. 402 p. 2009.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 11ª Edição. Editora Brasiliense. Tatuapé, São Paulo. 52 p. 2004.

PONT. Raul. **Campos Realengos**. Editora Renascença Ltda. Porto Alegre – RS. v 1, 452 p. 1983.

_____. **Campos Realengos**. Editora Renascença Ltda. Porto Alegre – RS. v 2, 452 p. 1983.

REIS, Maria Freitas de Campos Tonzoni. **A inserção da educação ambiental na escola**. Revista Ambiental do Brasil. Ano XVIII boletim 01 – p. 46-52. Mar 2008.

ROCHA, Silvio. **Hino de Uruguaiana**. Lei Municipal Nº 1.064 de 04 de agosto de 1971.

RODRIGUES, L. H.; DARIDO, S. C. **Educação física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 11, nº 100, Set 2006.

SILVA, Andreia Cristina Sousa e Silva. **O trabalho com Educação Ambiental em escolas de Ensino Fundamental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. v. 20, p. 37 a 52, jan a jun 2008.

URUGUAIANA, Prefeitura Municipal. **Mapa de Uruguaiana**. Disponível em www.pmuruguaiana.gov.rs . Acessado em 07 abr 2013.

URUGUAIANA, Câmara Municipal. **Uruguaiana Imagem Viva da Terra Gaúcha**. Uruguaiana, Gráfica Comercial Sul. 194 p.1982.

VARGAS, J. E. N. de; TAVARES, F. J. P. de. **A educação ambiental no contexto da educação física escolar**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 10, nº 69, Fev 2004.

VILLELA. Urbano Lago. **Atalaia da Pátria**. Uruguaiana, Publicação independente, 320 p. 1971.

WIKIPEDIA. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Drag_queen. Acessado em 08 jun 2013.